

# ***A Reencarnação e o Fundamentalismo em Conflito***

*“O coração do sábio, tal como o espelho, deve a tudo refletir, sem todavia macular-se”. (Confúcio)*

*“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei” (Frase sobre o túmulo de Allan Kardec)*

## **Prefácio**

Encontramos o artigo “REENCARNAÇÃO EM CONFLITO” no endereço [http://www.cacp.org.br/reencarnacao\\_em\\_conflito.htm](http://www.cacp.org.br/reencarnacao_em_conflito.htm), sendo este assinado pelo autor Paulo Cristiano da Silva. Este artigo está publicado na página do CACP, ou seja, o CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS. Com isso, iremos abordar o assunto que o autor nos convida, a verificarmos se realmente a reencarnação, sendo uma lei natural, está ou não em conflito. Estaremos exercendo o nosso direito inafiançável de resposta e esclarecendo tais temas propostos pelo articulista, a fim de que não possamos impor a nossa concepção, mas que, pelo menos possamos vir a identificar onde está o erro atribuído às análises do crítico. A partir daí, os leitores poderão tirar as suas próprias conclusões. Enfim, serão divididos os assuntos em tópicos e sub-tópicos, a fim de facilitar a consulta aos leitores e chegarmos à conclusão de que o que está em conflito, é o fundamentalismo numa análise apressada e superficial da Codificação Espírita.

## **Índice**

* Considerações Preliminares .....	2
I – A Reencarnação e os seus Princípios Básicos .....	5
1. O que é reencarnação? .....	5
2. Reencarnação - qual a sua finalidade? .....	12
3. O Cego de Nascimento .....	13
4. O Homem Coxo .....	15
II – A Reencarnação Sobre Três Pilares .....	16
1. Princípio Bíblico .....	16
2. Princípio Filosófico .....	23
3. Princípio Científico .....	29
III – A Reencarnação sobre Quatro Pontos .....	32
1. A origem do mal .....	33
2. Onde está a contradição? .....	34
3. Quem colhe os frutos dos próprios erros? .....	39
4. Qual a finalidade do sofrimento de Jesus? .....	39

IV – O Consolo da Reencarnação e o Dilema das Penas Eternas .....	42
1. A Parábola do rico e Lázaro, o que significa? .....	43
* Considerações Finais .....	44

### Considerações Preliminares

Logo em sua introdução, o proponente nos aborda com os seguintes comentários, acerca do tema aventado:

A doutrina da reencarnação é a coluna dorsal do espiritismo Kardecista. É ela o alicerce onde todos os demais postulados erigidos por Kardec se apóia. Tal é a sua importância para o espiritismo que é considerada como um dogma mesmo (Livro dos Espíritos, nº 171 e 222). Depois de sua morte em 1870, foram gravadas as seguintes palavras em seu túmulo: “nascer, morrer, renascer de novo e progredir sem cessar: esta é a lei”. [...]

O primeiro ponto a elucidar, seria o postulado espiritismo kardecista. Pelo princípio do colóquio, entendemos que estamos dialogando com um crítico que ao menos, nem sequer estudou aquilo que pretendia comentar. Não havendo sinais de conhecimento de causa, pelo qual lança as suas jaculatórias, tão logo percebemos que é levantada a possibilidade de haver “outros espiritismos”. A partir daí, vemos que não há, e nem nunca houve tal neologismo, pois Espiritismo é Espiritismo e não espiritismo kardecista, como pretende propor o crítico, tendo total desconhecimento do que é a Doutrina Espírita, logo no princípio de sua argumentação.

O segundo ponto abordado é o fato de tentar erigir, por conta própria, a Doutrina Espírita sobre a lei natural da reencarnação. Tão logo, vemos mais um indício do desconhecimento de causa, aventado pelo crítico. A Doutrina espírita está alicerçada em três pilares, aos quais se tratam da **filosofia** que aborda no prólogo da obra O Livro dos Espíritos: “**a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade**”, a **ciência**, também no prólogo da obra o Livro dos Médiuns que relata o “**Espiritismo Experimental, com os ensinamentos dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo**”, bem como também é abordado na obra A Gênese, onde trata “**sobre a gênese, os milagres e as predições segundo a Doutrina Espírita há resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos**”. “**A Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza**”. “**Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas**”. “**Para Deus, o passado e o futuro são o presente**”. Por fim, a **religião (moral)**, através dos prólogos das obras O Evangelho Segundo o Espiritismo “**com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida**” e, segundo a obra O Céu e o Inferno, trata do “**exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras**”.

Diante do exposto, ficou evidenciado que não é reencarnação o fundamento que sustenta toda a Codificação, porém, e evidência encontrada é que a Doutrina possui os seus três pilares fundamentais, sendo eles a filosofia, ciência e religião (moral). Ainda segundo o crítico, há a citação das perguntas 177 e 222 da obra do Livro dos Espíritos, a fim de fundamentar a questão do dogma estabelecido para a reencarnação. Destarte, vamos às perguntas e, por conseguinte iremos analisar o argumento e avaliar se procede, o posicionamento defendido. Vejamos:

*177 Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que são o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar por todos os mundos que existem no universo?*

*– Não. Há muitos mundos que estão num mesmo grau da escala evolutiva e onde o Espírito não aprenderia nada de novo.*

*(...)*

*222 O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi tomado de Pitágoras<sup>1</sup>. Nós nunca dissemos que a Doutrina Espírita é invenção moderna. Os fatos espíritas, o Espiritismo, sendo uma lei da natureza, deve existir desde a origem dos tempos, e sempre nos esforçamos para provar que se encontram traços dele desde a mais alta Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o autor da metempsicose<sup>2</sup>; ele a tomou dos filósofos indianos e egípcios, que a conheciam desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas era uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Por qual meio chegou até eles? Foi por revelação ou por intuição? Não sabemos. Mas, seja como for, uma idéia não atravessa os tempos e não é aceita por inteligências de elite se não tiver algo de sério. A antiguidade dessa doutrina seria mais uma prova a seu favor do que uma objeção. Todavia, entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação há, como se sabe, uma grande diferença que os Espíritos rejeitam de maneira mais absoluta. É a da transmigração da alma do homem para os animais e vice-versa.*

*Os Espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corporais, renovam, portanto, uma doutrina proveniente das primeiras idades do mundo e que se conservou até nossos dias no pensamento íntimo de muitas pessoas. **Os Espíritos apenas a apresentam sob um ponto de vista racional**, mais de acordo com as leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, **livre de todos os acessórios da superstição**. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que os Espíritos a ensinaram nos últimos tempos: já antes da sua publicação, numerosas comunicações semelhantes haviam sido obtidas em diversos países e depois se multiplicaram de forma extraordinária. Seria talvez o caso de examinarmos aqui as razões por que todos os Espíritos não parecem estar de acordo sobre esta questão. Mais à frente voltaremos a esse assunto (...). (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo 4 e 5) (grifo nosso)*

O que teríamos que dizer sobre a pergunta número 117 de Kardec e a resposta dos Espíritos de Escol no Livro dos Espíritos, bem como as considerações feitas por aquele no item 222? Existem infimos pontos não contra-argumentados pelo autor e que nos leva a crer que somente a Reencarnação nos responde de forma clara, acerca das diversas questões que nos rodeiam. Entendemos que há uma lei ao qual estamos todos nós sujeitos e essa lei é uma lei natural (Jo 3,12). Todavia, não haveríamos como passar por todos os planetas habitados no universo, já que há uns em que se encontram no mesmo grau evolutivo da Terra e que não haveria nenhum aprendizado a mais do que já

houvera sido adquirido, segundo a questão 117. Ademais, já nos recomendou Jesus de que "(...) **sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste**" (Mt 5,48) Como poderíamos chegar à perfeição em uma única vida somente? Impossível, só a reencarnação possibilitaria o nosso aperfeiçoamento contínuo e a compreensão neste pensamento do Mestre.

Ademais, respondeu Jesus a Nicodemos: "(...) *Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo*" (João 3,3). Se ninguém poderá "ver o reino de Deus", sem que nasçamos de novo, logo, é necessário nascermos de novo, com uma nova oportunidade para que possamos alcançar a felicidade plena, através dos degraus da jornada evolutiva, já que a reencarnação é uma lei natural (Jo 3,12).

Sobre as análises, realizadas por Kardec no item 222, essas considerações são acerca da evolução da idéia da reencarnação, ao longo da história da humanidade que remonta tempos imemoriais, tais como no Egito antigo, Grécia, Índia e até mesmo entre os Hebreus que acreditavam na possibilidade deles puderem voltar a viver de alguma forma à vida corpórea (Ex 20,5-6). Ou seja, eles acreditavam na Transmigração de Almas que em hebraico significa *Guilgul Neshamot* ou as rodas da alma. Essa crença era ainda não muito compreendida e por este motivo que a Doutrina Espírita veio retirar o véu e nos elucidar este processo natural. Se fosse um dogma como reclama o autor da antiguidade, certamente não haveria a necessidade de aperfeiçoarmos a idéia correta da reencarnação e até mesmo rejeitarmos a transmigração das almas de homens para animais e vice-versa. Ou seja, nós não iremos regredir, mas podemos estacionar. No entanto, voltar a um envoltório primitivo, como criam os antigos, isso não é possível.

Diante do exposto, não há como sustentar a possibilidade de aventar a hipótese de que as duas fontes sugeridas pelo proponente, ambas dêem guarida à questão que haveria o estabelecimento de Kardec para a reencarnação como pilar da Doutrina Espírita. Sendo estes fundamentos já esclarecidos e parte do todo e não o inverso.

Prossegue o crítico no desfecho de sua introdução, conforme segue abaixo a citação da opinião de um espírita:

[...] Carlos Imbassay – um dos apologistas do espiritismo – reconhece que ela é de importância capital para o espiritismo. Se portanto, tirarmos a reencarnação de debaixo da doutrina kardecista todo o edifício desabarará, só sobrarão cacos.

Ao nos depararmos com este argumento atribuído a Carlos Imbassay, sem haver uma nota bibliográfica para tal citação. Perguntamos ao crítico de onde foi que ele retirou esta frase, se não há as fontes para averiguarmos a veracidade de tal assertiva? Entendemos que se não há, certamente é um jogo de palavras para induzir o seu leitor aos pressupostos do autor e o pior, utilizar-se de um nome de uma pessoa sem referências, que certamente pode vir a gerar mais desconfiança daqueles que lêem este texto. Além do mais, no tocante a essa opinião ser verdadeira, nada viria a desestabilizar a Doutrina, até mesmo porque a Reencarnação tem a sua devida importância realmente, mas não como base fundamental do Espiritismo, no qual esclarecemos anteriormente. Ademais, o crítico não obteve o êxito esperado, para nos convencer de que a reencarnação é pura imaginação. É o que veremos mais adiante.

Conforme esclarecido aos leitores, acreditamos que o edifício da Doutrina Espírita está erigido em três pedras fundamentais, tais como a filosofia, a ciência e a moral, alicerçadas pela pedra angular que é Jesus (Ef 2,20). Se houve a intenção do autor em atribuir à reencarnação, como base da Doutrina Espírita, reduzido aos cacos, fica o argumento do proponente logo em sua introdução.

## I – A Reencarnação e os seus Princípios Básicos

Neste tópico, iremos analisar o que é a reencarnação, qual a sua finalidade e qual o objetivo dessa lei natural (Jo 3,12), de acordo com o que foi proposto pelo autor. Diante disso, vamos ao primeiro ponto.

### 1. O que é reencarnação?

Mais adiante, encontramos a tentativa do autor em responder a seguinte pergunta: **O Que é Reencarnação e Qual a sua Finalidade?** Após este título bem sugestivo, o crítico abre o seu tópico respondendo da seguinte forma o conceito de reencarnação:

Etimologicamente, reencarnação significa “tornar a tomar corpo, ou vivificar um corpo novo”. Consiste no fato de uma alma ou um espírito, que após ter animado um corpo e ter-se libertado deste pela morte, passar a dar vida a um outro corpo inteiramente novo. É o mesmo que “palingenesia”, pluralidade de existências, vidas sucessivas, transmigração da alma. Também é um refinamento da “metempsicose”. [...]

A priori, é importante identificar a reencarnação como a *palingenesia*, sendo este conceito um refinamento da *metempsicose*, segundo o conceito grego koiné. Realmente os argumentos estão de acordo com codificação e com o item 222 do Livro dos Espíritos, já citado e comentado anteriormente. Diante disso, iremos expor o restante do item 222, da obra *O Livro dos Espíritos*, a fim de acompanharmos a evolução dessa idéia, ao longo dos séculos.

*(...) Examinemos a questão sob outro ponto de vista e façamos uma separação, deixando de lado toda intervenção dos Espíritos por enquanto. Suponhamos que esta teoria não foi dada por eles, e que até mesmo nunca se abordou esta questão com os Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma e outra hipótese, isto é, a pluralidade e a unicidade das existências corporais. Vejamos para qual lado nos guiará o nosso interesse e a razão.*

*Certas pessoas rejeitam a idéia da reencarnação pelo único motivo de que ela não lhes convém, dizendo ser-lhes suficiente uma só existência e que não gostariam de recomeçar outra parecida. Reconhecemos que o simples pensamento de reaparecer na Terra as faz pular de furor. É compreensível que o simples pensamento de terem de reaparecer na Terra as faça ficar furiosas. Mas a estes convém apenas lembrar se acaso Deus, para reger o universo, tenha que pedir-lhes conselho ou consultar seus gostos. Portanto, de duas coisas, uma: ou a reencarnação existe ou não existe. Se existe, embora as contrarie, será preciso enfrentá-la sem que Deus lhes peça permissão para isso. Essas pessoas parecem-se com um doente que diz: “Sofri o bastante por hoje, não*

*quero mais sofrer amanhã”. Mas, apesar de seu mau humor, não terá, por isso, que sofrer menos amanhã e nos dias seguintes, até que esteja curado. Portanto, se tiverem de viver de novo, corporalmente, reviverão, reencarnarão. Protestarão inutilmente, como a criança que não quer ir à escola ou o condenado, para a prisão. Será preciso que passem por isso. Objeções semelhantes são muito ingênuas para merecer um exame mais sério. Diremos, entretanto, para tranqüilizá-las, que o que a Doutrina Espírita ensina sobre a reencarnação não é tão terrível quanto lhes parece; se a estudassem a fundo, não ficariam tão assustadas, saberiam que a condição dessa nova existência depende delas; serão felizes ou infelizes de acordo com o que tiverem feito aqui na Terra e podem, a partir dessa vida, se elevar tão alto que não temerão mais a queda no lodaçal.*

*Supomos falar a pessoas que acreditem num futuro qualquer depois da morte e não àquelas que tomam o nada por perspectiva ou que querem fazer desaparecer sua alma num todo universal, sem individualidade, exatamente como as gotas de chuva somem no oceano. Se, portanto, acreditais num futuro qualquer, não admitireis, sem dúvida, que seja o mesmo para todos, porque, senão, onde estaria a utilidade do bem? Por que se reprimir? Por que não satisfazer a todas as paixões, todos os desejos, mesmo à custa dos outros, uma vez que por isso não se ficaria nem melhor nem pior? Credes, ao contrário disso, que esse futuro será mais ou menos feliz ou infeliz, de acordo com o que tivermos feito durante a vida? Tendes a esperança de que seja tão feliz quanto possível, uma vez que é pela eternidade? Teríeis, por acaso, a pretensão de vos considerar um dentre os homens mais perfeitos que já existiram sobre a Terra e de ter, assim, o direito de alcançar imediatamente a felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitis que existem homens com valores maiores do que os vossos e que têm o direito a um lugar melhor, sem que com isso estejais entre os condenados. Pois bem! Colocai-vos mentalmente por um instante nessa situação intermediária que seria a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém venha vos dizer: “Sofreis, não sois tão felizes quanto poderíeis ser, enquanto tendes diante de vós seres que desfrutam de uma felicidade perfeita; quereis mudar vossa posição com a deles?” Sem dúvida, direis: “Que é preciso fazer?” “Muito pouco, muito simples. Recomeçar o que fizestes mal e procurar fazê-lo melhor”. Hesitaríeis em aceitar esta proposta mesmo a preço de muitas existências de provações? Façamos outra comparação simples. Se viessem dizer a um homem que, embora não estando entre os últimos dos miseráveis, sofresse privações pela escassez de seus recursos: “Eis ali uma imensa fortuna, podeis dela desfrutar, sendo preciso para isso trabalhar arduamente durante um minuto”. Mesmo o mais preguiçoso da Terra diria sem hesitar: “Trabalharei um minuto, dois, uma hora ou um dia se for preciso; que importa isso, se vou terminar minha vida na abundância?” Portanto, o que é a duração da vida corpórea perante a eternidade? Menos de um minuto, menos de um segundo.*

*Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e dificuldades. Por acaso, consideram essas pessoas que há em Deus mais justiça e bondade quando condena o homem a um sofrimento perpétuo, por alguns momentos de erro, do que quando lhe dá os meios de reparar suas faltas? Dois industriais tinham, cada um, um operário que podia aspirar a tornar-se sócio da empresa. Aconteceu que esses dois trabalhadores empregaram certa vez muito mal o dia de trabalho e mereciam ambos ser despedidos. Um dos patrões despediu o operário, apesar de suas súplicas, e este, não tendo mais encontrado trabalho, morreu na miséria. O outro disse ao seu empregado: “Perdeste um dia de serviço, tu me deves um outro como recompensa. Fizeste*

*mal o teu trabalho, me deves a reparação; eu te permito recomeçar, trata de o fazer bem e eu te conservarei, e poderás sempre aspirar à posição superior que te prometi". É necessário perguntar qual dos dois patrões foi o mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais impiedoso do que um homem?*

*O pensamento de que nosso destino está fixado para sempre em razão de alguns anos de provação, até mesmo quando não tenha dependido de nós alcançar a perfeição na Terra, tem algo de desanimador, enquanto a idéia oposta é eminentemente consoladora, porque nos dá a esperança. Desse modo, sem nos pronunciarmos a favor ou contra a pluralidade das existências, sem dar preferência a uma hipótese ou outra, diremos que, se fosse dado ao homem o direito de escolha, não haveria ninguém que preferisse um julgamento sem apelação. Um filósofo disse que se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para a felicidade dos seres humanos<sup>3</sup>. O mesmo se pode dizer da pluralidade das existências.*

*Mas, como já ficou dito, Deus não pede nossa permissão; não consulta nossa vontade. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e tomemos a questão sob um outro ponto de vista, deixando outra vez de lado o ensinamento dos Espíritos para analisá-la, unicamente, como estudo filosófico.*

*Se não existe reencarnação, não há senão uma existência corporal; isso é evidente. Se nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada homem é criada no momento do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma e, nesse caso, se perguntará qual foi o estado da alma antes de seu nascimento e se esse estado não constituía, por si só, uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio-termo possível: ou a alma existia ou não existia antes do corpo. Se existia, qual era sua situação? Ela tinha ou não consciência de si mesma? Se não tinha, é como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Tanto num caso como no outro, em que grau se achava ao tomar o corpo? Ao admitir, de acordo com a crença popular, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a dar no mesmo, que antes de sua encarnação tinha apenas qualidades negativas, fazemos as seguintes questões:*

*Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das idéias adquiridas pela educação?*

*De onde vem a aptidão extranormal de certas crianças de tenra idade para determinada arte ou ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a vida?*

*De onde vêm, em uns, as idéias inatas ou intuitivas que não existem em outros?*

*De onde vêm, em algumas crianças, esses instintos precoces de vícios ou de virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, que contrastam com o meio em que nasceram?*

*Por que certos homens, independentemente da educação, são mais avançados que outros?*

*Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança hotentote<sup>4</sup> recém-nascida e a educardes nas escolas mais renomadas, fareis dela algum dia um Laplace<sup>5</sup> ou um Newton<sup>6</sup>?*

*Perguntamos: qual é a filosofia ou a teosofia<sup>7</sup> que pode resolver esses problemas? Ou as almas são iguais no seu nascimento, ou são desiguais, não há a menor dúvida disso. Se são iguais, por que são tão diversas as suas aptidões? Dirão que isso depende do organismo. Nesse caso, então seria a mais monstruosa e mais imoral das doutrinas. O homem seria apenas uma máquina, o brinquedo da matéria, e assim não teria mais as responsabilidades por seus atos, pois poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se são desiguais as almas, é porque Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade*

*inata concedida a alguns? Estará essa parcialidade, esse favorecimento de acordo com a Sua justiça e com o amor igual que dedica a todas as criaturas?*

*Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores progressivas para cada alma e tudo estará claramente explicado. Os homens trazem ao nascer a intuição do que adquiriram em vidas anteriores; são mais ou menos avançados de acordo com o número de existências por que passaram, conforme estejam mais ou menos distantes do ponto de partida, exatamente como numa reunião de indivíduos de todas as idades, em que cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que tiver vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a vida do corpo. Reuni de uma vez mil indivíduos, de um a oitenta anos. Imaginai que um véu seja lançado sobre todos os dias que ficaram para trás, e que, em vossa ignorância, os acreditais nascidos todos no mesmo dia: perguntareis naturalmente como uns podem ser grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Mas se o véu que esconde o passado se dissipar, se chegardes a saber que todos viveram um tempo mais ou menos longo, tudo se explicará. Deus, em Sua justiça, não podia ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade, as diferenças e divergências da vida não tem nada contrário à mais rigorosa justiça: pois vemos apenas o presente, não o passado. Este raciocínio se baseia em algum sistema ou é uma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das qualidades, das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que esse fato é inexplicável por todas as teorias correntes; enquanto a explicação é simples, natural e lógica por uma outra teoria. É racional preferir as que não explicam àquela que explica?*

*Em relação à sexta questão, sem dúvida se dirá que o hotentote é de uma raça inferior. Então perguntaremos se o hotentote é ou não é um homem. Se é um homem, por que Deus o fez, e à sua raça, deserdados de privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, por que procurar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla que tudo isso; para ela não há diversas espécies de homens, há apenas homens cujos Espíritos estão mais ou menos atrasados, todos, porém, suscetíveis de progredir. Não está, este princípio, mais de acordo com a justiça de Deus?*

*Acabamos de avaliar as condições da alma quanto ao passado e ao presente. Se nós a considerarmos numa projeção quanto ao seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.*

*Se nossa existência atual é única, deve decidir a nossa destinação vindoura. Qual é, então, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo plano ou estarão distanciados em relação à felicidade eterna?*

*O homem que trabalhou durante toda a vida para se aperfeiçoar estará na mesma posição daquele que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve tempo nem oportunidade de se aperfeiçoar?*

*O homem que praticou o mal, porque não pôde se esclarecer, será culpado por um estado de coisas que não dependeram dele?*

*Trabalha-se para esclarecer os homens, para moralizá-los, civilizá-los; mas, para cada um que se esclareça, há milhões de outros que morrem a cada dia antes que a luz chegue até eles. Qual será o fim deles? Serão tratados como*

condenados? Se não forem, o que fizeram para merecer estar na mesma posição que os outros?

Qual é o destino das crianças que morrem em tenra idade e que não puderam, por isso, fazer o bem nem o mal? Se ficarem entre os eleitos, por que esse favorecimento, sem terem feito nada para merecê-lo? Por qual privilégio se livraram das dificuldades da vida?

Há alguma doutrina capaz de esclarecer essas questões?

Admiti as existências consecutivas e tudo estará explicado de acordo com a justiça de Deus. O que não puder ser feito numa existência se fará em outra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso. Cada um será recompensado de acordo com seu mérito real e ninguém é excluído da felicidade suprema, a que pode pretender, sejam quais forem os obstáculos que venha a encontrar no caminho.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, porque são inúmeros os problemas psicológicos e morais que só encontram solução na pluralidade das existências. Limitamo-nos apenas à observação dos mais comuns. Poderão também dizer que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja, porque ela seria a subversão da religião. Nosso objetivo não é tratar dessa questão neste momento; basta-nos ter demonstrado que a reencarnação é eminentemente moral e racional. Portanto, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião se, contra a opinião universal e a comprovação da ciência, se houvesse posicionado contra a evidência e tivesse expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito mereceria e que autoridade teria, entre os povos mais esclarecidos, uma religião fundada em erros notórios que fossem impostos como artigos de fé? Quando a evidência foi comprovada, a Igreja se colocou sabiamente ao lado do que era evidente. Se está provado que existem coisas impossíveis sem a reencarnação e que certos pontos do dogma somente podem ser explicados por ela, é preciso admitir e reconhecer que a discordância entre essa doutrina e os dogmas é apenas aparente. Mais adiante mostraremos que a religião está menos distanciada do que se pensa da doutrina das vidas sucessivas e que se a aceitasse não sofreria maiores danos do que já sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareceram desmentir os textos bíblicos. O princípio da reencarnação ressalta, aliás, em muitas passagens das Escrituras, e se encontra notavelmente formulado de maneira clara e inequívoca no Evangelho:

“Quando desciam do monte (após a transfiguração), Jesus lhes ordenou: ‘Não faleis a ninguém o que acabastes de ver, até que o filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos’. Seus discípulos o interrogaram, então, dizendo: ‘Por que os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?’ Mas Jesus lhes respondeu: ‘É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram, mas o fizeram sofrer como quiseram. É assim que farão morrer o filho do homem.’ Então seus discípulos entenderam que era de João Batista que ele lhes falava” (Mateus, cap. 17).

Uma vez que João Batista era Elias, deve ter ocorrido a reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Qualquer que seja, enfim, a opinião que se tenha da reencarnação, quer a aceitemos ou não, todos teremos de passar por ela, caso ela exista, apesar de toda crença contrária. O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é

*eminentemente cristão. Apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo e, portanto, não é anti-religioso.*

*Até agora argumentamos, como dissemos, pondo de lado todo ensinamento espírita que, para algumas pessoas, não tem autoridade. Se nós, assim como muitos outros, adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é apenas porque o ensinamento tenha vindo dos Espíritos. É porque esta Doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.*

*Mesmo se fosse da autoria de um simples mortal, nós a teríamos igualmente adotado e não hesitaríamos nem mais um segundo em renunciar às nossas próprias idéias. No momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar ao se manter teimosamente numa idéia falsa. Da mesma forma, nós a teríamos rejeitado, mesmo que tivesse vindo dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, assim como negamos muitas outras; porque sabemos, por experiência, que não devemos aceitar cegamente tudo o que vem da parte deles, da mesma maneira que não se deve aceitar tudo que vem da parte dos homens. A maior distinção, o primeiro título, que para nós recomenda a idéia da reencarnação, antes de tudo, é o de ser lógica. Mas existe uma outra, que é o de ser confirmada pelos fatos: fatos positivos e, por assim dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a qualquer um que se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança, diante dos quais não pairam mais dúvidas. Quando esses fatos se popularizarem, como os da formação e do movimento da Terra, será preciso render-se à evidência e os opositores terão gasto em vão os argumentos contrários.*

*Reconheçamos, em resumo, que a doutrina da pluralidade das existências é a única que explica o que, sem ela, é inexplicável. Que é eminentemente consoladora e está em harmonia com a mais rigorosa justiça e é, para o homem, a âncora de salvação que Deus lhe deu na Sua misericórdia.*

*Até mesmo as palavras de Jesus não podem deixar dúvida sobre este assunto. Eis o que é dito no Evangelho de João, cap. 3:*

*Jesus, respondendo a Nicodemos, disse: “Em verdade, em verdade te digo que se um homem não nasce de novo, não pode ver o reino de Deus”.*

*Nicodemos lhe disse: “Como um homem pode nascer sendo já velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe e nascer uma segunda vez?”*

*Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade te digo que se um homem não renascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é Espírito. Não te espantes com o que te disse: Necessário vos é nascer de novo”. (Veja a seguir a questão 1010, “Ressurreição da carne”).*

---

**Pitágoras:** filósofo e matemático grego, viveu cerca de 500 ou 600 anos a.C. (N. E.).

**Metempsicose:** doutrina segundo a qual a mesma alma pode animar, em vidas sucessivas, corpos diversos: vegetais, animais ou homens (N. E.).

O filósofo que fez essa afirmação foi Voltaire (1694-1778), poeta, literato e filósofo francês (N. E.).

**Hotentote:** natural ou habitante da Hotentótia, África; raça negra, primitiva (N. E.).

**Laplace:** Pierre Simon Laplace, astrônomo, físico e matemático francês, viveu de 1749 a 1827 (N.E.).

**Newton:** Isaac Newton, cientista inglês. Viveu de 1642 a 1727 (N. E.).

**Teosofia:** qualquer doutrina religiosa e filosófica que procura explicar e integrar Deus e o homem (N.E.).

**Raça caucásica:** pertencente ou relativo ao Cáucaso. Habitantes do norte da Rússia, chamados russos brancos; a raça branca é também chamada raça caucásica (N. E.). (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo 5)

Dando continuidade ao que o autor definiu como a reencarnação, num pressuposto encontrado na Codificação, este prossegue em sua análise, vejamos:

Allan Kardec define desta maneira: “a reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo” (O Livro dos Espíritos, pág. 67). A finalidade da reencarnação consiste em: 1º) progresso e evolução dos espíritos e 2º) expiar faltas cometidas em vidas passadas. (op.cit. pergunta 167)

Diante do argumento grifado pelo autor, ele cita a definição de Kardec, na obra *O Livro dos Espíritos*, contidos na página 67? Vamos até a página, da referida obra, a fim de verificar e o que encontramos? Nada do que foi citado. Contudo, ao percebermos este erro, nos deparamos com a referência adequada a este argumento na página 59, capítulo IV e item 4, da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, conforme podemos ver logo abaixo, após a citação das passagens de Mt 16,13-17; Mc 8,27-30; Mc 6,14-16; Lc 9,7-9; Mt 17,10-13 e Mc 9,11-13, Kardec comenta:

**4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá idéia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. **A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.** A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Introdução)**

Após constatarmos essa gafe do autor, em citar um argumento de Kardec que nem sequer se sabe ao certo onde está. Que tipo de crítico que estamos a responder? Será que é alguém que pegou essa frase “aqui”, ou “acolá”, a fim de nos dizer que a reencarnação está em conflito? O que acabamos de testificar novamente, é que o próprio autor é quem está em conflito e induzindo os demais leitores de sua página ao erro, sem o mínimo de critério e conhecimento da obra que pretende criticar.

No entanto, o mesmo prossegue, a nos convidar em verificar a pergunta 167, realizada por Kardec na obra *O Livro dos Espíritos*, diante da resposta dos espíritos de

escol que assim definem a finalidade da reencarnação. Com isso, é o próximo ponto em que iremos desenvolver.

## 2. Reencarnação - qual a sua finalidade?

O autor havia citado a pergunta 167 da obra *O Livro dos Espíritos*, que Kardec havia feito aos espíritos de escol, como a finalidade da reencarnação para a humanidade. Com efeito, o autor havia definido da seguinte forma, a finalidade da reencarnação.

A finalidade da reencarnação consiste em: 1º) progresso e evolução dos espíritos e 2º) expiar faltas cometidas em vidas passadas.

Assim, voltemos um pouco mais na referida obra *O Livro dos Espíritos*, no que tange a pergunta 132 em diante que nos esclarece o objetivo da encarnação.

### **132 Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?**

– *A Lei de Deus lhes impõe a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição. Para uns é uma expiação; para outros é uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, devem sofrer todas as tribulações da existência corporal: é a expiação. A encarnação tem também um outro objetivo: dar ao Espírito condições de cumprir sua parte na obra da criação. Para realizá-la é que, em cada mundo, toma um corpo em harmonia com a matéria essencial desse mundo para executar aí, sob esse ponto de vista, as determinações de Deus, de modo que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.*

*Kardec - A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do universo. Deus, em sua sabedoria, quis que, numa mesma ação, encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. É assim que, por uma lei admirável da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.*

### **133 Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?**

– *Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer só alguns felizes, sem dificuldades e sem trabalho e, por conseguinte, sem mérito.*

### **133 a Mas, então, de que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os livra das dificuldades da vida corporal?**

– *Eles chegam mais rápido à finalidade a que se destinam; e, depois, as dificuldades da vida são muitas vezes a conseqüência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, menos tormentos. Aquele que não é invejoso, ciumento, avarento ou ambicioso não sofrerá com os tormentos que procedem desses defeitos. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo II).*

Com o esclarecimento acima, entendemos que não somente a Doutrina Espírita define a reencarnação como provas, expiações e, sobretudo, o progresso do espírito encarnado. Encontramos este ensinamento também nos postulados erigidos por Jesus, quando lemos o caso do cego de nascença e do homem coxo que iremos analisar posteriormente. Destarte, iremos citar a pergunta pesquisada pelo autor, a fim de correlacioná-la com os exemplos que serão analisados adiante. Portanto, vejamo-la:

### **167 Qual é o objetivo da reencarnação?**

– *Expição, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?* (KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo IV*).

Oportuna à pergunta que os espíritos de escol assinalaram, ou seja, a justiça da reencarnação que será abordada mais adiante. Por agora, iremos nos ater aos exemplos em que Jesus nos faz, acerca de provas e expiações.

### 3. O Cego de Nascimento

Diante da análise da Codificação sobre o que é a reencarnação, a sua finalidade e objetivo, entramos agora nas exemplificações que Jesus houvera feito em sua época. Assim, compreendemos que sem a reencarnação, não há como entendermos os fatos e parábolas que exigem um conhecimento profundo e mais amplo. Desta maneira, veremos se realmente não há nenhuma menção à reencarnação na Bíblia como muitos alegam. Finalizarei com alguns exemplos no Evangelho, para assim verificarmos que neste caso do Cego de Nascimento, nos aproximamos mais da realidade dos fatos, para a análise que os leitores irão fazer e tirar as suas conclusões. Mediante o que temos apresentado, e assim faremos a análise do Cego de Nascimento.

Se levarmos em consideração as únicas possibilidades existentes, em vista das Escrituras, é a de que aquelas pessoas **atrelaram o sofrimento do cego à sua conduta ou à conduta de seus pais**, em vista da passagem de Êxodo 20:1-6. Abriremos um parêntese para citar a passagem em análise:

*“Quando ele ia passando, viu um homem que era cego de nascença. Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?** Jesus respondeu: **Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele**”.* (Jo. 9,1-3).

Os Judeus temiam que as conseqüências dos pecados de seus pais viessem a trazer maldições para suas vidas. **Mas como um cego de nascença poderia ter pecado?** Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, pois era cego desde quando veio ao mundo. Para ter lógica, somente poderia ter cometido suas faltas em existências anteriores. Fato este que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaríamos a pergunta deles dirigida a Jesus: **Quem pecou para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?**

Diante do princípio “*a cada um segundo suas obras*” (Mt 16,27), no dizer do Mestre, ninguém paga pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos atribuída às próprias pessoas que os praticam, e no caso do cego de nascença, não há como atribuir a hereditariedade do pecado, já que ele havia nascido cego e não seguiu os passos dos pais para haver como justificar a tese desta suposta hereditariedade. Já que para os Judeus a reencarnação fazia parte de suas concepções, vemos que se o Cego de Nascimento era responsável por seus atos diante do Senhor (Dt 24,16). Esse ato, diante da

concepção dos apóstolos ao questionarem Jesus, é de que ele houvera praticado em desacordo com a providência em uma existência anterior.

Diante da resposta de Jesus: “*Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele*”, poderá ser explicada da seguinte forma. Diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo, havia a necessidade de Jesus fazer alguns “milagres” para executar a sua missão, como os fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai, bem como “*É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo*”. (Jo 9,4-5). Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão e este homem cego era um deles. Aqueles que Jesus escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo ao seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam no plano espiritual.

O fato de Jesus não ter negado a reencarnação é lógica, uma vez que entre os discípulos havia a intuição sobre este assunto, assim como estamos vendo nesta análise. Por que Jesus não negou a reencarnação neste momento? A resposta é lógica mesmo, já que eles acreditavam que a essência (Ruach), voltava novamente, mesmo com uma noção inata e de uma forma ainda não muito clara para eles naquele momento. Destarte, se fosse um erro os Judeus acreditarem em reencarnação, certamente Jesus os repreenderia; mas Jesus não o fez, antes os esclareceu, derrubando, assim, a tese da unicidade da vida terrena que muitos pregam erroneamente, porque não encontram subsídios nem mesmo na Bíblia para contrariar a crença dos Judeus na reencarnação.

É lógico atribuir que os discípulos consideravam as vidas anteriores, como sofrimento do cego e dá ao texto aquilo que ele afirma categoricamente. É justamente o que o texto diz: “*Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?***” Diante deste questionamento dos Apóstolos, foi sugerido pelos discípulos duas hipóteses para explicar a cegueira daquele que foi curado: **a de que o próprio cego tivesse pecado, ou os seus pais.**

Ou seja, se os apóstolos sugeriram que foi o cego que houvera pecado, segundo o entendimento da época, eles acreditavam em reencarnação, pois não poderia o Cego de Nascimento ter pecado sem ter sido numa encarnação anterior. Outra sugestão é a de que seus pais o tivessem feito, mas seus pais eram conhecidos e pelos relatos e estes não eram cegos e nem muito menos pagavam pelos próprios erros, já que estes ainda eram vivos; por que o cego viria a pagar pelos erros que seus pais haviam cometido, sem ao menos ter a oportunidade de praticá-los, já que houvera nascido cego? O que fica claro é o pensamento de Kardec, sustentando esse mesmo princípio lógico, e em face da resposta do próprio Jesus, o mestre lionês assim explica o caso do cego de nascença:

*“Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imputaria um*

*sofrimento sem utilidade (KARDEC, A. A Gênese, Capítulo XV, Curas, Cego de Nascimento)”.*

Assim, é uma constatação de Kardec, com pleno aparo nas Escrituras. Jesus entendia a mentalidade da época, de que os judeus ligavam o sofrimento de uma pessoa aos da própria pessoa em vida, ou dos atos de seus ascendentes, sendo esta, uma conseqüência que foi negada por Ezequiel 18, ou seja, todos pagam pelos seus próprios pecados. Contudo, há a inferência ao questionamento dos discípulos com relação à expiação dos pecados também pelo cego. Com isso, leva-nos a crer que a possibilidade de um cego de nascença vir a pecar é inteiramente lógica que acreditavam na reencarnação.

Diante esta passagem do Cego de Nascimento, é certo de que seus pais não confessaram que fora Jesus que houve curado o próprio filho, com medo de serem expulsos da sinagoga (Jo 9,22). Antes fica evidenciada a intrepidez do Cego de Nascimento que pela sua prova, enfrentando os Sacerdotes do Templo, bem como *“Ele lhes respondeu: Já vô-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, **quereis vós também tornar-vos seus discípulos?**”* (Jo 9,27), sendo ele até mesmo expulso da Sinagoga.

A análise deste exemplo do Cego de Nascimento, com a ênfase dos Apóstolos, acerca da crença na reencarnação, bem como de que os Judeus também acreditavam. O que nos leva a crer que nesta passagem, o Cego de Nascimento veio a contrair a sua deficiência por prova e não por expiação, como alegavam os discípulos. Este era o equívoco que Jesus os esclareceu.

#### 4. O Homem Coxo

Diante do que demonstramos anteriormente. Iremos adentrar na análise do Homem Coxo. Segue a narrativa de que *“Estava ali um homem enfermo havia uns 38 anos”*. (Jo 5,5). Ou seja, se o homem havia nascido coxo, este poderia estar numa expiação, ou numa prova pela sua própria escolha antes de reencarnar, mas veremos mais adiante que quando Jesus curou este homem, assim se sucedeu que *“Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior**”*. (Jo 5,14). Conforme mais este exemplo, se o homem adquiriu a sua enfermidade, esta poderia ser certamente o fruto de suas atitudes em desacordo com a providência divina numa encarnação anterior, conforme a advertência de Jesus para que *“não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior”*; uma coisa é certa, a enfermidade do **Cego de Nascimento foi por prova enquanto por este relato do Homem Coxo, certamente foi por expiação** de um ato praticado numa encarnação anterior, podendo ocorrer algo ainda mais grave numa encarnação posterior, conforme disse Jesus *“para que não te suceda alguma coisa pior”*.

Se Jesus advertiu o parálítico para que não pecasse mais, é porque ele estava ali purgando seus pecados anteriores. Caso voltasse a pecar teria que voltar, e em situação pior. O espírito pode reencarnar várias vezes, depende do que ele fez em cada encarnação de bom ou ruim. O maior exemplo disso está na citação de Jesus: *"Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil"*. (Mt 5,26) e (Lc 12,59). Enquanto continuar pecando continuará voltando para resgatar as faltas e progredir.

## II – A Reencarnação Sobre Três Pilares

Neste ponto da abordagem do autor, nos será apresentada às incoerências que ele define a lei natural da reencarnação (Jo 3,12). Podemos ver mais abaixo a identificação de três pontos feitos pelo autor a considerar, sendo eles sobre os enfoques bíblico, filosófico e científico.

Veremos agora que esta doutrina não é só incoerente do ponto de vista bíblico como também filosófico e científico.

Contudo, iremos analisar cada ponto desses e identificar onde se encontram os conflitos, se é na argumentação do autor, ou se realmente está residindo na Doutrina Espírita. Assim, passemos então ao primeiro ponto aventado.

### 1. Princípio Bíblico

Sobre este ponto, mesmo após realizarmos as definições do que é a reencarnação, a sua finalidade e os exemplos extraídos dos Evangelhos, o autor assim começa a sua abordagem:

Os espíritas querem achar apóio em textos bíblicos para fundamentar a teoria da reencarnação. Contudo, a Bíblia rejeita de forma categórica essa doutrina. Até mesmo o assunto favorito deles "João Batista era Elias", pois crêem que quando Jesus disse aos discípulos: "digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista." (Mateus 17:13) era realmente uma prova da reencarnação de um profeta no outro, cai por terra por diversos motivos:

Antes de adentrarmos nos motivos aventados pelo autor, em negar o retorno do profeta Elias como João Batista. Encaminhamos aos leitores, o estudo em que descortinamos este assunto, em todos os seus pormenores no artigo "[Analisando Norman Geisler. João Batista é ou não Elias?](#)". Nesta refutação, contra-argumentamos o teólogo citado, bem como estendemos os pontos não abordados em profundidade e deixamos claro que quem desenvolveu a idéia do retorno do profeta Elias como João Batista reencarnado, foi Jesus e ficamos com ele e não damos trégua, até porque não fomos nós que identificamos João Batista como Elias, e sim Jesus.

Diante desta premissa básica, não pretendemos contradizer Jesus, deixemos, portanto, aos encarniçados detratores das vidas sucessivas. Contudo, vamos ao primeiro ponto em que o autor julga negar a possibilidade de João Batista ser Elias. Vejamo-lo:

1. A profecia de Malaquias diz que Elias viria cumprir um importante ministério antes do “grande e terrível dia do Senhor”.

Acreditamos ser importante o autor citar as profecias, em que relatam o retorno do profeta Elias e não um profeta semelhante. A partir daí já podemos ver que a tentativa de negar que João Batista tenha sido Elias será inglória, conforme podemos vê-las abaixo:

*MI 3,1: Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele há de preparar o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o anjo do pacto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos.*

*MI 4,5: Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor;*

Como podemos averiguar as profecias relacionadas ao retorno do profeta Elias. É deveras importante sabermos, que, em todas as citações supracitadas, nos indicam, indubitavelmente **o meu mensageiro**, sendo este **o profeta Elias**. Em nenhum momento, é retratada a idéia de um espírito profético e sim de uma personalidade que deveria retornar para o cumprimento da profecia. Ou seja, o próprio Elias, ou o seu espírito reencarnado é o único que poderia cumpri-la. Sendo assim, vamos ao segundo ponto:

2. João Batista iria adiante de Jesus no ESPIRITO E PODER de Elias e não que seria Elias reencarnado. (Lucas 1:17); Isto tem a ver com o ministério de ambos e não com reencarnação. Se seguirmos esta linha de pensamento, teremos de admitir que Elizeu e não João era a reencarnação de Elias, pois diz a Bíblia que “Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu” (2 Reis 9:15). Vejamos as semelhanças entre ambos:

ELIAS	JOÃO BATISTA
Profetizou em tempos de apostasia	Profetizou em tempos de apostasia
Profetizou para aproximar o povo de Deus	Profetizou para aproximar o povo de Deus
Vestia –se com roupa de pele de ovelhas	Vestia-se com roupa de pele de ovelhas
Acabe (o rei) tinha medo de Elias	Herodes tinha medo de Elias
Jezabel pediu a vida de Elias	Herodias pediu a vida de João
Pregava sobre o arrependimento e castigo	Pregava sobre o arrependimento e castigo

Outra justificativa que nos tentam passar, a fim de negar que João Batista tenha sido Elias reencarnado, é a idéia de que Elias não reencarnou em Eliseu, após o evento do arrebatamento, como podemos conferir.

*II Rs 2,15: “Vendo-o, pois, os discípulos dos profetas que estavam defronte, em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. Vieram-lhe ao encontro e se prostraram diante dele em terra.”*

No entanto, o argumento em que se arvoram para defesa dessa visão se auto-desintegra, pois no caso de Elias, enquanto vivia na época de Eliseu, este era vivo e por questão de lógica, não poderia ter o espírito de Elias reencarnado sobre ele. Por outro lado, no caso de João Batista, o profeta Elias já havia vivido por volta de 800 anos passados, porquanto, o retorno dele como João Batista é plenamente correto.

Já em Lc 1,17, está escrito que João Batista “...irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias”, conforme a anunciação de um anjo a Zacarias Para que haja uma negação de que João Batista seja a reencarnação de Elias, a profecia de Malaquias deveria tratar de um espírito profético e não do retorno do Profeta Elias. Outrossim, se em Lucas há a passagem que testifique este pensamento do espírito profético de Elias estivesse sobre João Batista, Jesus haveria de ter dito que a *O espírito de Elias repousa sobre João Batista*. Com base ao fato equivalente entre Elias e Eliseu (2 Rs 2,15). Quando se refere que o espírito de Elias repousou sobre Eliseu só se pode deduzir que Elias desencarnou e na condição de espírito influência seu sucessor, ou ainda a sua mediunidade estava sobre Eliseu em porção dobrada. Aos que acreditam no arrebatamento físico de Elias, perguntamos: como é que seu espírito andava com Eliseu e seu corpo ficou no mundo espiritual? Contudo, nos é repassada a idéia da personalidade e essência de Elias que viria a impelir João Batista, ainda no ventre de sua mãe. Prossigamos, portanto, no terceiro ponto abaixo:

### 3. João Batista negou tal fato absurdo, qual seja, de que ele era Elias (João 1:21).

O que temos a ressaltar é que por um lado João Batista parece negar que é Elias, mas por outra vertente, Jesus o identifica como o “...Elias que havia de vir”. Contudo, entendemos que João, por questão de humildade, não quis afirmar ser Elias, por sinal à mesma virtude demonstrada, quando inicialmente recusou batizar Jesus, dizendo não ser digno, sequer de carregar as alparcas do Mestre (Mt 3,11) e que Jesus é quem deveria batizá-lo (Mt 3,:14);

Quando o João Batista disse que ele não era o profeta Elias. Isso não prova nada, que ele não era o espírito do Elias reencarnado. O que fica claro é que João Batista não sabia que ele era a reencarnação de Elias, se ele soubesse ele confirmaria. Neste caso, houve o esquecimento do passado que podemos encontrar na obra "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, item 11, Cap. V:

*"Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimo inconveniente. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos*

*basta; a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial". (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo V).*

Contudo, o que João Batista tinha, era a intuição de sua missão e por humildade, não se exaltou em cumpri-la, antes se reportou ao Mestre como indigno que amarrar as suas alparcas e cumpriu a sua tarefa até o fim, com a intrepidez de um verdadeiro profeta que não se enaltece, mas foi elevado por Jesus.

Ao reencarnar, João Batista veio cumprir sublime missão, "**a de preparar os caminhos do Senhor**", em função de sua elevada evolução espiritual, tendo isso sido realçado pôr Jesus, em Mt 11,11 "*Em verdade vos digo que, entre os que de mulher tem nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista, mas aquele que é menor no reino dos céus é maior do que ele*".

Era evidente que Jesus estava se referindo a vida passada de João, quando foi Elias e que também veio desempenhar nobre missão e extrapolou seus direitos, ao vencer a aposta diante do Rei Acabe, no Monte Carmelo, provando que o Deus que libertou o povo Hebreu do jugo dos Egípcios, tendo como líder Moisés, o Deus único e verdadeiro, era mais poderoso que o Deus Baal, cujos adeptos, em torno de 450 pessoas, não conseguiram que projetasse do céu fogo para queimar a sua fogueira e o boi, que estava assentado sobre a mesa, cortado em pedaços, apesar dos insistentes apelos que fizeram, vindo até a se mutilarem. Na oportunidade de Elias, o profeta do Senhor, após fervorosa súplica feita ao seu Deus, de imediato o fogo vindo como um raio queimou a sua fogueira e o seu boi. Ao vencer a aposta, Elias, não usando de clemência, exigiu junto ao Rei Acabe que os profetas de Baal fossem mortos, decapitando-os na torrente de Cison, conforme consta no Livro de 2 Reis 18,19-40.

João Batista, por essa infração ao 5º Mandamento da Lei de Deus, que nos recomenda "**Não matarás**", voltou para resgatar nas mesmas circunstâncias em que matou, sendo, portanto, decapitado, após solicitação de Salomé e sua mãe ao Rei Herodes (Mt 14,3-11). Essa é a referência ao qual Jesus havia dito que "... **Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas**".

Ainda com referência ao esquecimento do passado, João Batista evidenciou que no seu caso, este foi parcial, tendo consciência, apenas intuitivamente, da missão que vinha desempenhar como precursor, porém o restante de sua vida como Elias ficou esquecido por completo.

Alegam que João Batista havia negado ser Elias, por outro lado, um fato importante a ressaltar é que logo após o diálogo de Nicodemos e Jesus, há o testemunho de João Batista dizendo que "*Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor*". (Jo 3:28). Ou seja, o precursor do Messias era o **Profeta Elias**, segundo as profecias diretas de Malaquias. Enfim, João Batista era de fato Elias reencarnado, sem a dúvida de não sê-lo. Aliás, para alguém ser enviado, ele precisa existir, o que corrobora que João Batista estava em nova

reencarnação, ou, na pior das hipóteses, que seu espírito era preexistente. Só que a preexistência é uma idéia ligada à reencarnação, assim, por ela, estamos voltando ao primeiro ponto. Enfim, iremos analisar agora o quarto ponto aventado pelo autor.

4. Quando Jesus fez esta comparação, eles tinham acabado de ver Elias e Moisés no monte da transfiguração. Se Elias fosse João Batista reencarnado os espíritas entrariam em contradição com sua própria doutrina, veja:

Diante do fato da transfiguração de Jesus no monte Tabor, na presença dos apóstolos Pedro, João e Tiago, o autor comenta:

João nesta altura já havia sido decapitado por Herodes, portanto estava morto. Ora, o próprio Kardec afirmou que “a reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo”. Como então, João Batista, apareceu no velho corpo na transfiguração? Não teria ele que aparecer (de acordo com a doutrina espírita) com o atual, da última reencarnação, isto é, com o corpo de João e não de Elias?

Parece-nos que o crítico pretendeu explicar sobre algo que desconhece, pois bem sabemos que o espírito desencarnado pode assumir a encarnação que lhe aprouver no fenômeno da aparição. Ademais, a profecia falava do retorno do profeta Elias. O fato de João Batista ter encarnado e efetuado a sua missão de preparação ao caminho do Senhor é a prova persuasiva de que Elias de fato voltou. Ademais, o teor da comunicação entre Moisés e Elias era o de demonstrar a Lei e os Profetas, fato este que embasa a aparição deles. Iremos recorrer à codificação para abalizar o que temos dito e que nos parece ser desconhecida pelo estimado pastor.

Ainda, segundo a doutrina espírita, o tal espírito se reencarna para purgar suas faltas do passado para progredir até ser espírito puro. Diz Kardec: “Toda a falta cometida, todo o mal praticado é uma dívida contraída que deverá ser paga.” (O Céu e o Inferno, pág. 88) Certamente, Elias mesmo sendo um profeta de Deus, tendo intimidade com Ele, parece que não havia progredido muito, visto que passou novamente pelas mesmas “provas” (como João Batista) para “limpar” seu suposto “carma” do passado.

Interessante o pastor citar a obra Céu e Inferno da Codificação e tentar traçar um paralelo quanto à afirmativa de que até o carma que Elias contraiu ao mandar executar os 450 sacerdotes de Baal (1 Reis 18:22 e 40), na disputa para ver qual Deus era mais poderoso que o do outro, foi cumprido por João Batista, quando morre executado por ordem de Herodes. (Mateus 14:11). Citamos como exemplo de carma ou "lei de causa e efeito", o texto de Mateus 26:52. Vejamos os textos:

**1º Texto:** Elias manda degolar os falsos profetas

**1 Reis 18:22 e 40**

*22 Então disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens.*

*40 Então Elias disse a eles: "Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum". E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e **ai os degolou**.*

**2º Texto:** Constatamos o mesmo acontecendo a João Batista

**Mateus 14:11**

*10 E mandou **degolar João** no cárcere.*

*11 E a sua cabeça foi trazida num prato, e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe.*

**3º Texto: Mateus 26:52**  
*52 Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.*

O ocorrido a João Batista foi o cumprimento da lei do carma, e ela se traduz neste princípio: "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão".

Diante da existência de outras referências, quando Jesus disse "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão" (Mateus 26:52), ele o fez apenas levando em conta a "pena de morte vigente" (como defendem os opositores da reencarnação) ou será que aproveitou a ocasião e expôs um princípio?

Acreditamos que a verificação das referências nos ajuda a elucidar o caso, daí porque trouxemos todas elas. Comentaremos Mateus 7:12 argumentando que aquilo que fizermos aos semelhantes estaremos fazendo a nós mesmos. Dissemos ainda que Jesus aconselhou a prática do bem para que fôssemos desses bem merecedores, porque a paga divina acontece a cada um **segundo as suas obras**, e com tudo isso parecem concordar, à exceção de que "tudo isto é nesta vida, enquanto ainda podemos achá-IO (Is 55:.), pois tal retribuição nesta vida ou em vida futura não é, definitivamente, a lei do carma e o que trata o texto de Mateus 7:12, assim como todas as demais referências citadas das Escrituras". As passagens que citamos foram estas: Jó 34:11; Salmo 28:4; Provérbios 12:14;24:12,29; Isaías 3:11; Lamentações 3:64; Ezequiel 18:20; 33:20; Eclesiástico 16:15; Mateus 16:27; 26:52; Romanos 2:6; II Coríntios 5:10; 9:6; 11:5; Gálatas 6:7; II Timóteo 4:14; Tiago 2:24; I Pedro 1:17; Apocalipse 2:23; 13:10; 22:12. Cabe aqui esclarecer que ao dizermos "lei do carma" ou "lei de causa e efeito", estamos falando justamente da lei de retribuição "segundo as suas obras" consagrada pelas escrituras, e, portanto, repetindo este mesmo princípio contido em todos os versos acima. Este princípio é universal e, quer aceitemos ou não, estamos sujeitos a ele. Uma pessoa pode, por exemplo, não aceitar a lei da gravidade, e, no entanto, isso não impede que ela recaia se acaso ela quiser desafiar e comprovar a inexistência dessa lei. Embora os opositores da reencarnação relutem em aceitar a "lei do carma", este é e sempre será o **critério de julgamento** a ser usado não somente nesta vida, mas também em vida futura. Esta lei afeta, e muito, a vida futura. Estando de posse desses dados, e desfeitos todos os equívocos, pensamos que agora podemos pegar a explicação dos opositores da reencarnação sobre Mateus 26:52, ver se ela é de fato circunstancial e se isso ressalta em todos os textos citados. Isso ajudará o leitor a tirar suas próprias conclusões, na resposta à pergunta formulada. Ficamos com a segunda alternativa: Jesus aproveitou a ocasião e expôs um princípio. A partir daí o autor do texto nos traz a afirmativa abaixo com uma nova passagem em análise:

A Bíblia diz categoricamente que "Está ordenado ao homem morrer uma só vez vindo depois disto o juízo" (Hebreus 9:27). Não existem várias mortes, mas uma só.

Existem várias vidas e a cada uma delas uma só morte. Nisso concordamos, não há o que ser diferente, mas o "tiro sai pela culatra" quando temos duas mortes? Como fica o caso do filho da viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro. Morreram duas vezes? O texto de hebreus está em contradição. Claro que não, percebemos na visão espírita que o texto de hebreus é harmônico quando percebemos que os casos de ressurreição é de fato um fenômeno da catalepsia. Já na visão protestante, que creem que estes morreram, vieram

a morrer segunda vez. Por este motivo o texto está em contradição em desfavor ao autor do texto e quem se apropriarem deste argumento.

A reencarnação é uma lei natural (Jo 3,12) e é isso o que foi pregado por Jesus. A fórmula empírica da reencarnação está grafada no antigo testamento, bem como no novo testamento, tal como ocorreu entre Elias e João Batista (Mt 17,12; Mc 9:11-13; Mt 11,10; Mt 11,13; Mt 26,52; I Rs 18,22 .40; Mt 14,11; Mt 3,11; Mt 3,14; Mt 11,11; Jo 3,28; II Rs 13,15; (Mq 3,1; 4,5; Mt 17,5,10,11,13; At 8,39-40; II Cr 21,1.12-15; Hb 11,13). Percebemos a reencarnação ao pesquisamos a Torá, conforme abaixo:

Ex 20,5-6: “*Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terças e **sobre** quartas gerações, aos que me aborrecem; e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos*”. (TORÁ, p. 214-215, grifo nosso).

[...] Comentários de rodapé.

**5 dos pais nos filhos** – Quando os filhos continuam praticando a iniquidade de seus pais, pois filhos não devem seguir os maus exemplos dos pais, depois de conhecer as consequências. **6. Até duas mil gerações.** A misericórdia de Deus estende-se pelo menos até duas mil gerações, enquanto o seu castigo é muito menor para os que o aborrecem. [...] (TORÁ, p. 215).

Ex 34,6-7: *E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terças e quartas gerações.”* (TORÁ, p. 266, grifo nosso).

[...] Comentários de rodapé.

**6. Eterno, Eterno, Deus piedoso** – Os versículos seis e sete contêm os 13 atributos (*Shelosh Esrê Midot*) de Deus, os quais se tornaram uma das principais orações do judaísmo. O Talmud escreve que Deus disse a Moisés: “Sempre que Israel pedir o meu perdão, que mencione estas minhas qualidades”. O Rabi lehudá acrescenta: Deus tem feito uma aliança para não deixar em vão esta prece (somente quando Israel a reza em jejum – Rashi) (*Rosh Hashaná 17b*). Essa prece pode ser rezada somente quando houver pelo menos um Minian (quórum de 10 homens). Os 13 atributos constituem a base da concepção judaica sobre a divindade.

(Eis aqui uma breve explicação deles: 1-2) **Ado-nai Ado-nai**: A repetição do nome do Eterno aqui significa que Ele é misericordioso com qualquer pessoa, no que diz respeito aos seus pecados e como pecador arrependido. 3) **EI**: Deus poderoso que age de acordo com os Seus sábios ditados. 4) **Rachum**: Misericordioso como um pai para com seus filhos, prevenindo-os para não cair. 5) **Chanún**: Benevolente e que ajuda os caídos que não podem regenerar-se por si mesmos. 6) **Érech-apáym**: Paciente, espera que o pecador se arrependa. 7) **Verav-chéssed**: Cheio de misericórdias com a pessoa correta e também com a incorreta 8) **Emet**: Verdadeiro e direto em suas promessas. 9) **Notser-chésed lalafim**: Bondoso e misericordioso: considera os méritos dos pais nos filhos, ao menos por duas mil gerações. 10) **Nossé Avon**: Perdoa os pecados cometidos premeditadamente. 11) **Vafesha**: Perdoa as ofensas e pecados cometidos com espírito de rebeldia. 12) **Vechataá**: Esquece os pecados cometidos involuntariamente. 13) **Venakê**: Absolve

o penitente.

**7. visita a iniquidade dos pais nos filhos** – Quando os filhos seguem o mau caminho dos pais, o Eterno os castiga também pelos pecados dos pais. (TORÁ, p. 266-267).

Segundo o que consta na Torá a partícula ‘até’ mal traduzida nas versões atuais não dá se combater a reencarnação. O que foi demonstrado é que a preposição ‘sobre’ é a correta que se deve aplicar ao texto, e, com isso, indubitavelmente, leva-nos a crer que o texto, com efeito, nos remete a ideia da reencarnação. De acordo com os Judeus ortodoxos sobre a reencarnação é que, a bem da verdade, o Espiritismo “não retém porque convém”, já que o texto é harmônico com a reencarnação na visão judaica ortodoxa e na espírita.

Como podemos perceber caro leitor, a reencarnação é mais antiga e até mesmo está registrada na Torá, mesmo que a contragosto do autor do texto que estamos analisando que se apega a traduções ocidentais incorretas, provindas da Vulgata Latina. Portanto, caro leitor, Jesus nos disse que é preciso nascer de novo para vermos o reino de Deus, somente através das vidas sucessivas é que podemos desfrutar da perfeição almejada.

## 2. Princípio Filosófico

Partiremos agora para a análise do ponto de vista do autor do texto do CACP em termos do princípio filosófico. Vejamos o que o autor argumenta:

O espiritismo ensina que Deus criou todos espíritos simples, ignorantes e imperfeitos. Ora, se todos os espíritos são imperfeitos então no final das contas toda a culpa de todo o sofrimento que tais espíritos estão sujeitos é em última análise atribuída a Deus e não ao ser humano. Esta premissa do espiritismo joga a culpa do mal em Deus. Onde está a justiça deste Deus do Espiritismo?

Ao analisarmos a causa dos sofrimentos do homem, por que o autor deduziu que a Doutrina Espírita atribui a Deus a causa de todo o mal ao ser humano. Onde foi que ele viu tal disparate? O único acerto de sua argumentação foi propriamente de que Deus cria todos os seres simples, ignorantes e perfectíveis, já a causa do mal sofrido pelo homem atribuído a sua casualidade a Deus é por conta do autor e não da Doutrina Espírita, como erroneamente é transmitido pelo pastor. Façamos justiça à definição dada a Deus e seus atributos na codificação espírita e não a elucubrações tendenciosas! Iremos recorrer à codificação, mais precisamente ao Livro dos Espíritos, no que tange ao item que define o bem e o mal, dentro da terceira parte das leis morais, lei divina, ou natural concernente ao Bem e o Mal. Vejamos:

### 629 Que definição se pode dar à moral?

– A moral é a regra do bem proceder, ou seja, a que permite distinguir entre o bem e o mal. Ela é fundada sobre o cumprimento da lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo para o bem de todos porque, então, cumpre a lei de Deus.

### 630 Como se pode distinguir o bem e o mal?

– O bem é tudo o que está conforme a lei de Deus; o mal, tudo o que é contrário. Assim, fazer o bem é proceder conforme a lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.

**631 O homem tem, por si mesmo, meios de distinguir o bem do mal?**

– Sim, quando crê em Deus e de fato quer saber porque Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro.

**632 O homem, sujeito ao erro como está, não pode se enganar no julgamento do bem e do mal e acreditar que faz o bem quando, na realidade, faz o mal?**

– Jesus disse: “o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles”. Tudo está aí resumido. Vós não vos enganareis.

**633 A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Ele encontra na lei natural a regra dessa conduta e um guia seguro?**

– Quando comeis em excesso, isso vos faz mal. Pois bem! Deus dá a medida daquilo que precisais. Quando a ultrapassais, sois punidos. Ocorre o mesmo com tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando a ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em todas as coisas, a voz que diz basta, evitaria a maior parte dos males de que acusa a natureza.

**634 Por que o mal está na natureza das coisas? Eu falo do mal moral. Deus não poderia criar a humanidade em condições melhores?**

– Já vos dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. (Veja a questão 115.) Deus deixa ao homem a escolha do caminho. Tanto pior se tomar o mau: sua peregrinação será maior. Se não houvesse montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer, e, se não houvesse rochedos, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e para isso é necessário que conheça o bem e o mal; é por essa razão que há a união do Espírito ao corpo. (Veja a questão 119.)

**635 As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. A lei natural parece, assim, não ser uma regra uniforme?**

– Essas diferentes posições estão na natureza da vida do homem e de conformidade com a lei do progresso. Isso não invalida a unidade da lei natural que se aplica a tudo.

☀ *As condições de existência do homem mudam de acordo com os tempos e os lugares, o que resulta para ele em necessidades diferentes e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Porém, essa diversidade está na ordem das coisas, está conforme a lei de Deus e é una, quanto ao seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou convencionais.*

**636 O bem e o mal são absolutos para todos os homens?**

– A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende principalmente da vontade que se tem de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade.

**637 O selvagem que cede ao instinto e se nutre da carne humana é culpado?**

– Eu disse que o mal depende da vontade. Pois bem! O homem é mais culpado à medida que se torna mais consciente daquilo que faz.

☼ *As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete muitas faltas que por serem a consequência da posição em que a sociedade o colocou não são menos repreensíveis; mas a responsabilidade está na razão dos meios que tem de compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que é governado pelos instintos.*

**638 O mal parece, algumas vezes, ser consequência da força das coisas. Por exemplo, em alguns casos, a necessidade de destruição, mesmo dos nossos semelhantes. Pode-se dizer que haja infração à lei de Deus?**

– Não deixa de ser o mal, ainda que necessário; porém, essa necessidade desaparece à medida que a alma se depura, ao passar de uma existência para outra; e então, o homem se torna mais culpado quando o comete, porque melhor o compreende.

**639 O mal que se comete não é, muitas vezes, o resultado da posição em que nos colocaram outros homens? E, nesse caso, quais são os mais culpados?**

– O mal recai sobre aquele que o causou. Porém, o homem que é conduzido ao mal pela posição que exerce é menos culpado do que aqueles que o causaram; contudo, cada um será punido, não somente pelo mal que tiver feito, como também pelo que tiver provocado.

**640 Aquele que não faz o mal, mas que se aproveita do mal feito por um outro, é culpado da mesma forma?**

– É como se o cometesse; ao tirar proveito participa dele. Talvez não pratique a ação; mas se, ao encontrar tudo feito, faz uso disso, é porque a aprova, e ele mesmo o faria se pudesse, ou se ousasse.

**641 O desejo do mal é tão repreensível quanto o próprio mal?**

– Depende; há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja praticar, especialmente quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo; mas se é apenas por falta de ocasião, há culpa.

**642 Basta não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar um futuro melhor?**

– Não. É preciso fazer o bem no limite de suas forças, porque cada um responderá por todo o mal que resulte do bem que não tiver feito.

**643 Há pessoas que, pela sua posição, não têm a possibilidade de fazer o bem?**

– Não há ninguém que não possa fazer o bem; somente o egoísta nunca encontra ocasião. Bastam as relações sociais com outros homens para encontrar ocasião de fazer o bem, e cada dia de vida dá a oportunidade a quem não esteja cego pelo egoísmo; porque fazer o bem não é somente ser caridoso, é ser útil na medida de vosso poder todas as vezes que vossa ajuda se fizer necessária.

**644 O meio onde alguns homens vivem não é para eles a causa primeira de muitos vícios e crimes?**

– Sim, mas isso ainda é uma prova escolhida pelo Espírito no estado de liberdade. Ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência.

**645 Quando o homem está, de algum modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna um arrebatamento quase irresistível?**

– Arrebatamento, sim; irresistível, não, porque, em meio à atmosfera do vício, encontrais, algumas vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram força de resistir e, ao mesmo tempo, a missão de exercer uma boa influência sobre seus semelhantes.

**646 O mérito do bem depende de algumas condições ou há diferentes graus de mérito no bem?**

– O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo; não há mérito em fazer o bem sem esforço e quando não custa nada. Deus tem mais em conta o pobre que partilha de seu único pedaço de pão do que o rico que dá apenas o supérfluo. Foi o que Jesus ensinou ao falar da esmola da viúva. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos; Parte Terceira, Capítulo 1).

Após esclarecermos este primeiro ponto dentro do prisma filosófico, partiremos, porquanto ao próximo ponto. Vejamos a abordagem do autor:

Outra questão que o espiritismo não responde quanto ao mal é: onde começou o mal? A reencarnação explica o mal no presente mediante o mal no passado. Mas então de onde vem este mal? Onde está o mal primeiro que causou o mal segundo? A doutrina do carma tenta isentar Deus deste dilema, mas acaba se enroscando mais ainda, pois se tudo tem uma causa primária, então em última análise ela vai voltar para o princípio de tudo. E quem havia no princípio? Deus.

Outra intrincada questão levantada pelo autor, pois quer ele atribuir a Deus a causa de mal que cada ser humano pratica a Deus, por ser a causa primária. Percebemos que é mais “um tiro que sai pela culatra”, pois Deus é bom e Dele emana todo o bem através de suas leis que são perfeitas e imutáveis, igualmente exemplificadas na obra O Livro dos Espíritos, conforme lemos.

Percebemos que o autor é deveras desatento, pois o que entendemos que o dogma de satanás está incluso em Ezequiel 28 e Isaías 14 é a origem do mal, ou seja, um ser criado por Deus perfeito e que perde sua perfeição ao se rebelar contra o criador, levando consigo um terço dos anjos do céu, incitando a humanidade ao erro, ou o mal ao qual é designado como Lúcifer na tradução da Vulgata Latina. Outrossim, não poderíamos

nos furtar de lembrar do pecado original praticado por Adão que assolou a humanidade até o sacrifício de Jesus, tendo um erro praticado por um homem e “pago” por um justo. Em resumo é isso que o dogma do anjo caído e do pecado original expõe como a origem do mal. A partir daí, perguntamos: Deus não é o princípio, portanto criou um ser voltado ao mal eternamente, com uma má tradução e outro que errou, tendo como resgate o sacrifício de Jesus. Todas as análises apresentadas apontam ao criador que gerou um ser voltado ao mal eternamente, arrastando a humanidade no mal, bem como o erro praticado por um homem ser pago por um justo, entenda-se Jesus. O que já expusemos, e voltamos a argumentar é que o mal é a ausência do bem, portanto, não é a criação de Deus, senão o afastamento que o homem, após a consciência do bem e do mal, decide percorrer pelas trevas, assim como as trevas é a ausência da luz.

Vamos analisar agora a tradução em Isaías 14 e II Pedro 1,19 e ver onde se encaixa o termo Lúcifer, verificando o seu real significado. Vejamos:

**2 Pe 1,19** Et habemus firmiorem propheticum sermonem : cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et **lucifer** oriatur in cordibus vestris : (VULGATA LATINA, p. 1487)

**2 Pe 1,19** Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a **estrela da manhã** se levante em vossos corações.

Percebemos que no texto de 2 Pedro apresentado não se trata de um ser que caiu, ou como queiram muitos crer neste dogma, já que quando Pedro diz que “**estrela da manhã se levante em vossos corações**”, não poderia ele induzir que satanás, ou Lúcifer deveria crescer nos corações dos primeiros cristãos. Em nosso texto “[Quem realmente é satanás e quem são os demônios?](#)” trato de forma abrangente o tema e trouxe um adendo sobre satã que é uma lenda persa, incutida na cultura hebreia através do convívio entre ambas culturas, onde se encontraria a base da ideia dos anjos caídos que é defendido por muitos cristãos? Vemos que no livro de Isaías encontramos a evidência, vejamos:

**Is 14,12-15** Quomodo cecidisti de cælo, **Lucifer**, qui mane oriebaris? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes? Qui dicebas in corde tuo: In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus aquilonis; ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo? Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum laci. (VULGATA LATINA, p. 849)

**Is 14,12-15:** “Como caíste do céu, **ó estrela d'alva**, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: ‘Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo’. E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo”.

Satã não é Lúcifer mencionado em Is 14,12, pois Isaías se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem inicia-se no capítulo treze, que assim diz: “**Sentença** que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amós, **contra a Babilônia**”. (Is 13,1). Sentença que se proferia contra a Babilônia e não a um anjo que, inclusive, já houvera caído, segundo os que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos “olhos” do

Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opuser contra o Eterno.

Analisando, dentro da concepção judaica, lemos:

*Yeshayahu (Isaías) 14:12 ---"ekh nafaleta mi.shamaím neyel ben-shachar nigda'eta la'aretz cholesh 'al-goyim."---*  
*---"que! Tombada dos céus, astro filho da conjuração. Tu ejetado para a terra, ó vencedor de nações!*

O termo -- neyel ben-shachar – também pode significar --- brilhante filho da Aurora ou Alva. Na LXX reza "heosforos = aquele que traz a Aurora"; já Vulgata (Latin) é traduzido por "Lucifer = portador da Luz", ou seja aquele que porta a claridade, mas que não a possui. Na mitologia de Ugarit é associado a "deidade Attar", concorrente de Ba'al.

No Oriente Antigo, era comum a observação dos astros e estrelas, e este texto faz alusão ao planeta Vênus, que na época era confundido com mais uma estrela (talvez por falta dos instrumentos modernos), assim o identificavam, porém a TaNaKh nos revelava que se tratava de uma "Falsa Estrela"; pois uma estrela possui luz própria; enquanto Vênus reflete a Luz do Sol, assim como a Lua, é o espelho do Sol e também traz claridade a Noite. [1]

No livro de Ezequiel, existe também a alusão da queda de um querubim, ao qual transcrevemos abaixo:

**Ez 28:11-19** *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor DEUS: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, unido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.*

É importante frisar que o profeta está predizendo a queda do rei Tiro, assim como lemos "**levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro**". Embora alguns isolem os versos 13 e 14 e aludem também a um querubim, ou Lucifer (satã), igualmente em Isaías 14. Contudo, o verso 12 anterior é importante ser citado e testificado que a profecia refere-se ao rei Tiro, sua soberba e futura queda. Portanto, o leitor atento perceberá que tais dogmas saíram como "um tiro que sai pela culatra" do autor que tentou induzir a origem do mal a Deus, mas que num exame apurado, irá ver que é o dogma de um ser eternamente voltado ao mal e do pecado original bastante intrincado para se defender.

### 3. Princípio Científico

Passemos, porquanto ao princípio científico combatido pelo autor do texto, onde examinaremos sua argumentação e daremos a nossa resposta no âmbito empírico e teológico espírita. Vejamos:

Se a reencarnação é uma lei de progresso como afirmam os espíritas, onde está então uma prova empírica dela? O que vemos na verdade é o contrário do que alega a doutrina espírita. O mundo deveria estar evoluindo tanto moralmente como espiritualmente, mas o que vemos é uma regressão de ambos. Ora, após milênios de evolução humana, será que o mundo não deveria apresentar-se bem mais humano, bem mais desenvolvido humanitariamente? Isto não deveria ser visível? Onde estão os espíritos adiantados provenientes de tantas reencarnações e purificações? A sociologia nega a existência prática desta tese.

Na pesquisa do escritor Paulo Neto da Silva Sobrinho ele chegou a seguinte conclusão de que existe a recordação espontânea de vidas passadas, onde vários pesquisadores têm se dedicado a fazer suas pesquisas com crianças que se lembraram de alguma vida anterior. A razão mais forte para esse tipo de pesquisa é pelo fato de que as crianças são mais autênticas no que passam e por que, muitas vezes, nem mesmo possuem conhecimento daquilo que estão descrevendo sob sua vida anterior. Podemos citar na área de Psiquiatria o Dr. Ian Stevenson (1918-2007) – americano, que foi chefe da Divisão de Parapsicologia do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virginia, EUA, num trabalho que durou mais de trinta e oito anos, pesquisou e arquivou mais de dois mil e seiscentos casos, na sua maioria de crianças, que, em dado momento de suas vidas, sem uma razão muito clara para isso, passaram a dizer que tinham sido outra pessoa em outra vida diferente, lembrando-se com impressionante nitidez de fatos e situações vividas, assim como de nome de pessoas e cidades. O Dr. Stevenson também elaborou e publicou interessante estudo, ainda não traduzido para o português – *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects* (Reencarnação e Biologia: Uma contribuição à Etiologia das Marcas-de-Nascença e Defeitos de Nascença, com 2.300 páginas). Nele procura a comprovação da reencarnação através das ditas “marcas de nascença”, que demonstram que as pessoas além de trazerem marcas semelhantes à de um de seus antepassados, obviamente já falecido, traziam também inconfundíveis traços de sua personalidade, tão marcantes que faziam acreditar tratar-se do mesmo espírito, agora em corpo diferente.

Um caso relatado por Stevenson: “Trata-se do caso do pescador Willian George, membro da tribo dos tlingits, Alasca, EEUU. Em várias ocasiões, conversando com seu filho e sua nora, ele disse que iria reencarnar como filho deles e que seria reconhecido pelas marcas que traria no corpo, semelhantes às que tinha no ombro esquerdo e na face interna do antebraço. Em julho de 1.949 entregou a seu filho um relógio de ouro que estimava muito, pedindo que o conservasse para quando retornasse em outra existência. No mês seguinte Willian George saiu para pescar e desapareceu, sem que seu corpo fosse jamais encontrado”. “Pouco tempo depois sua nora engravidou e, a 5 de maio de 1.950, deu à luz a um menino. Durante o parto ela sonhou que seu sogro aparecera e, quando voltou a si depois do parto, esperava ver o sogro (talvez como um espírito) em sua forma adulta anterior. Mas o que viu foi um bebê robusto que trazia em seu corpo sinais exatamente iguais aos que seu sogro tinha em vida e também nas mesmas

regiões. A identificação dessas marcas de nascença levou os pais a chamá-lo de Willian George Júnior". "À medida que o menino crescia, mostrava traços de gostos, aversões e aptidões semelhantes aos do avô. Este, por exemplo, costumava virar o pé direito para fora, hábito que o menino também apresentava. Os traços faciais, a tendência à irritabilidade, o hábito de dar conselhos, o conhecimento de pesca e de barcos e dos lugares piscosos eram semelhantes aos do avô, e, o que é bastante estranho, o jovem tinha um incomum medo da água. Também era mais sério e sisudo que seus companheiros". "Além dessas características, o menino mostrava marcante identificação entre a sua personalidade e a do seu avô, dizia que a tia-avó era sua irmã e tratava os outros como se fossem filhos ou filhas". "Quanto ao relógio de ouro, um dia sua mãe resolveu examinar as joias que possuía e tirou-as juntamente com o relógio, do porta-joias. Quando o garoto viu o que ela estava fazendo, agarrou o relógio dizendo que era seu e só com muita dificuldade a mãe conseguiu que ele o devolvesse. Os familiares do menino, que foram cuidadosamente inquiridos pelo pesquisador, afirmaram, categoricamente, que jamais haviam falado sobre o relógio ou mencionado as palavras de Willian George".

O Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), Diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia, iniciou uma série de investigações acerca de diversos casos de crianças que se lembravam de suas vidas anteriores, três mil casos catalogados. Tais casos são numerosos na Índia, bem como em diversos países do Oriente: Burma, Líbano, Sri Lanka, Turquia e outros. Vamos mostrar alguns trechos do livro "Vida Pretérita e Futura" – 25 anos de estudos sobre a reencarnação publicada em 1.979 pelo Dr. Banerjee: - "Durante anos, os pesquisadores parapsicólogos que estudam os casos de reencarnação têm sido considerados charlatões, e seus estudos classificados como de efêmero valor. Mas, depois de mais de vinte e cinco anos de pesquisas neste campo, em que estudei mais de 1.100 casos de reencarnação em todo o mundo, e publiquei vários trabalhos sobre o assunto, a crítica diminuiu e surgiu maior interesse. Os fatos que cada vez mais chegam ao nosso conhecimento são tão impressionantes, que agora a comunidade científica passou a considerá-los como dignos de pesquisa". - "Minhas pesquisas de um quarto de século convenceram-me de que há muitas pessoas, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, dotadas de memórias diferentes, o que não se pode obter por vias normais. Chamo esse tipo de memória de "memória extracerebral", porque as afirmações dos sujeitos de possuírem lembranças de vidas anteriores parecem ser independentes do cérebro, principal repositório da memória. É fato científico que ninguém é capaz de lembrar o que não aprendeu anteriormente". - "Os casos descritos neste livro não se baseiam no ouvir dizer nem em estórias de jornais; baseiam-se em pesquisas que fiz através de rigorosos métodos científicos. Meu estudo sobre a reencarnação foi concebido à luz de várias hipóteses, tais como, a fraude, a captação de lembranças através de meios normais, e a percepção extra-sensorial".

Em termos de recordação induzida a vidas passadas, devemos citar o pioneiro nessa área, que é Eugène-Auguste Albert de Rochas d'Aiglun (1837-1914), autor do livro As vidas Sucessivas. Foi com este trabalho que praticamente se lançou os fundamentos da técnica de regressão de memória. Pesquisou pessoalmente dezoito pessoas, entre 1903 e 1910, levantando não apenas a questão das vivências passadas, mas numerosos aspectos complementares e subsidiários que ainda permanecem à espera de mais amplas e profundas pesquisas.

Ainda com apoio do escritor Paulo Neto, temos que no campo da TVP, podemos citar os pesquisadores: Dr. Patrick Drouot, físico francês, doutorado pela Universidade Columbia de Nova York, autor dos livros “Reencarnação e Imortalidade” e “Nós somos todos imortais”; Dra. Edith Fiore, norte-americana, doutorada em psicologia na Universidade de Miami, autora dos livros: “Você já Viveu Antes” e “Possessão Espiritual”; Dra. Helen Wambach, psicóloga norte-americana, autora do livro: “Recordando Vidas Passadas”; Dr. Brian Weiss, M.D., psiquiatra e neurologista norte-americano, formado pela Columbia University, é professor catedrático de um dos mais conceituados hospitais universitários americanos, como é o Mount Sinai Medical Center, autor dos livros: “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, “Só o Amor é Real”, “A Cura através da Terapia de Vidas Passadas” e “A Divina Sabedoria dos Mestres”.

O mundo que vivemos é muito melhor do que milênios passados, a menos que o Paulo Cristiano da Silva queira sair de sua cadeira confortável numa sala climatizada e voltar ao tempo das cavernas e ter que matar as feras para se alimentar. Contudo, o que nos chamou à atenção foi justamente o fato dele argumentar que a sociologia nega o progresso da humanidade. O curioso foi justamente não vermos as fontes bibliográficas e os argumentos da ciência em questão, mas podemos colocar grande marcos de avanço da humanidade, enumeraremos ao menos três grandes avanços, tais eles como o fim da escravidão no século XIX, a CLT que regimenta os direitos dos trabalhadores do Brasil e até mesmo os poderes concedidos às mulheres que antes eram descriminalizadas no século passado. Esperaremos, porquanto, a resposta do estimado Paulo Cristiano da Silva a nos apresentar os atrasos sociológicos que derrubam a lei natural da reencarnação. Não satisfeito, ele nos dá um exemplo de impossibilidade da reencarnação. Vejamos:

Acrescenta-se a isto ainda o crescimento demográfico. Se no princípio diz a Bíblia que havia apenas duas pessoas, Adão e Eva, de onde surgiram tantas pessoas como vemos hoje em dia? Se a reencarnação é tornar a tomar novamente um outro corpo onde havia tantos corpos no princípio do mundo? Demais disso, se há 50 anos atrás tínhamos aproximadamente 5 bilhões de almas para se reencarnar depois da morte, então deveríamos ter novamente 5 bilhões de corpos para essas pessoas se reencarnarem! Mas temos hoje 6 bilhões!

Mais um raciocínio que precisa de alguns conceitos para entendimento. O primeiro deles é de que existem os diversos planetas habitados que sua população espiritual seria suficiente para povoar os diversos planetas do universo. O outro ponto a salientar é que a alegoria de Adão e Eva não eram os primeiros seres a habitarem o planeta Terra há seis mil anos passados, já que a ciência comprova a existência do homem muito antes mesmo deste período. Já o terceiro ponto a ser levado em consideração é a matemática utilizada pelo autor, sendo que cerca de 50 anos atrás havia 5 bilhões de habitantes e agora temos 6 bilhões, tal como ele quer afirmar, como numa linha de produção que deveria haver é os mesmos 5 bilhões nesta geração ao qual estamos inseridos, mas o mesmo desconhece a pluralidade dos mundos habitados que permitem a migração de almas a todos os orbes, de acordo com a evolução do espírito em consonância a do planeta ao qual deverá migrar. Devido a este conceito devidamente desconhecido, aparam-se as arestas e o raciocínio flui naturalmente. Vejamos a codificação para abalizar nossa argumentação:

#### **55 Todos os globos que circulam no espaço são habitados?**

– Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como pensa, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Entretanto, há homens que se julgam superiores a tudo e imaginam que somente este pequeno globo tem o privilégio de ter seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o universo só para eles.

☼ *Deus povoou os mundos com seres vivos, todos convergindo para o objetivo final da Providência. Acreditar que só existem seres vivos no planeta que habitamos seria colocar em dúvida a sabedoria de Deus, que não faz nada inútil. A cada um desses mundos Deus deve ter dado uma destinação mais séria do que divertir as nossas vistas. Nada, aliás, nem pela posição, nem pelo volume, nem pela constituição física da Terra, pode razoavelmente fazer supor que seja a única a ter o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.*

### **56 A constituição física dos diferentes globos é a mesma?**

– Não. Não se assemelham em nada.

### **57 Como a constituição física dos mundos não é a mesma, podemos concluir que os seres que os habitam têm corpos e uma organização diferente?**

– Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros, no ar.

### **58 Os mundos mais afastados do Sol são privados da luz e do calor, já que o Sol apenas se mostra para eles com a aparência de uma estrela?**

– Acreditais então que não há outras fontes de luz e de calor além do Sol, e não considerais o valor e a importância da eletricidade que, em alguns mundos, desempenha um papel que vos é desconhecido e muito mais importante do que na Terra? Aliás, já dissemos que os seres desses mundos não são nem da mesma matéria nem têm os órgãos dispostos como os vossos.

☼ *As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que vivem. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água. É assim em outros mundos, que contêm, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos. Não vemos, na Terra, longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais<sup>4</sup>? O que há de impossível em que, em certos mundos, a eletricidade seja mais abundante do que na Terra e tenha aplicações e funções, cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, portanto, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Primeira, Capítulo 3).*

## **III – A Reencarnação sobre Quatro Pontos**

Analisaremos neste tópico os argumentos contrários à reencarnação, mediante quatro pontos, sendo eles “a origem do mal”, “onde está a contradição?”, “quem colhe o fruto dos próprios erros?” e “qual a finalidade do sofrimento de Jesus?”.

## 1. A origem do mal

Anteriormente entramos neste ponto de nossa defesa quanto a origem do mal mais especificamente no capítulo II, item 2 acima exposto. Contudo o autor do texto volta novamente a abordar o assunto. Vejamos sua observação:

Seria Deus justo em destinar seres humanos a castigos por faltas de que nem tem consciência? Como irei me arrepender de erros que desconheço? Seria Deus justo castigando pessoas que foram criadas imperfeitas?

Três interessantes perguntas, porém sobre um novo enfoque, o esquecimento do passado que nos limita a desconhecer nossas faltas pretéritas, dando a falsa ideia de injustiça, mas nos perguntamos, será que a sabedoria divina é injusta ao poupar-nos o conhecimento de nossas faltas de encarnações passadas? Conseguiríamos conviver com nossos desafetos do passado sob o mesmo teto e até mesmo em nossa própria família? Será que o ódio, antes nutrido por uma pessoa, poderia se dissipar ao sabermos que esta mesma pessoa estaria fazendo parte do mesmo seio de nossa atual família. A razão e a lógica apontam para a dádiva do esquecimento do passado, a fim de que possamos recuperar o sentimento de amor e dissipar o ódio por um irmão de jornada. Este é o princípio, o perdão e a transformação de um sentimento de ódio pelo amor que floresce mediante a convivência familiar em existências posteriores. Tanto é fato que é completamente explicável a antipatia que sentimos por determinados parentes, pois deveríamos ter nutrido um ódio profundo em existências anteriores que somente uma encarnação talvez não seja suficiente para abrandar o sentimento de repulsa ao irmão de jornada evolutiva. Contudo, Kardec nos elucida mais uma vez. Vejamos:

### Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência,

advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Volvendo à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar. (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo V, Bem aventurados os aflitos)

Conforme argumentamos, abalizados pela codificação, entendemos que o Paulo Cristiano da Silva foi um tanto desatento ao abordar um tema que não tinha pesquisado o suficiente. Esperamos tê-lo esclarecido e também aos demais leitores neste ponto abordado.

## 2. Onde está a contradição?

Neste ponto o autor nos propõe um novo raciocínio, vejamos em sua íntegra e ao fim iremos nos propor a esclarecer-lhe.

Outro fato significativo é que a reencarnação e a lei do carma choca-se grandemente com um outro pilar do espiritismo que é **“fora da caridade não há salvação”**, que nada mais é do que um tipo de auto redenção. Ora, segundo diz essa doutrina, toda conseqüência que temos no presente foi contraída em outra existência passada tendo de ser paga nesta ou noutra reencarnação futura para se purificar. Veja que esses dois princípios na prática entram em contradição, pois e assim fosse eu não deveria fazer caridade a quem está sofrendo, caso contrário, estaria atrasando o progresso daquele espírito para uma próxima existência. Mas em contrapartida estarei atrasando o meu próprio, pois não praticando a caridade não terei salvação como ensinou Kardec! Isto nos leva a concluir que o causador do sofrimento não passa de um executor de ordens divinas!

O lema de “fora da caridade não há salvação” é justamente o refrigerio de que o ser humano possui em poder abrandar as expiações e provas de seu próximo, tendo como maior beneficiário o executor da caridade, pois ela dignifica o homem a solidariedade e a satisfação de poder auxiliar o progresso da humanidade não somente com doações materiais, mas também com a doação de seu tempo mediante a boa ação de poder diminuir as mazelas morais de seu próximo. Vejamos a codificação para abalizar o nosso raciocínio:

**O de que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do bom samaritano.**

**1. Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; - reunidas diante dele**

todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, - e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; - porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; - estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver.

Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? - Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? - E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? - O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; - porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.

Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? - Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (S. MATEUS, cap. XXV, vv. 31 a 46.)

2. Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna? - Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela? - Ele respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo. - Disse-lhe Jesus: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas, o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: Quem é o meu próximo? - Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. - Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. - Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. - Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. - Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. - No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

**Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões? - O doutor respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. - Então, vai, diz Jesus, e faz o mesmo. (S. LUCAS, cap. X, vv. 25 a 37.)**

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurados, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. A homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, tinha ele de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das idéias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao porvir a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma idéia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão-somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que cru de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

#### **O mandamento maior**

**4. Mas, os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para o tentar: -Mestre, qual o grande mandamento da lei? - Jesus lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. - Esse o maior e o primeiro mandamento. - E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 34 a 40.)**

5. Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: "Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; *toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.*" E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: "E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro", isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.**

#### **Necessidade da caridade, segundo S. Paulo**

**6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; -ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houver distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.**

**A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; - não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.**

**Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade (S. PAULO, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII, vv. 1 a 7 e 13.)**

7. De tal modo compreendeu S. Paulo essa grande verdade, que disse: *Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou.* Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade. Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

#### **Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação**

8. Enquanto a máxima - *Fora da caridade não há salvação* - assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma - *Fora da Igreja, não há salvação* - se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém *numa fé especial, em dogmas particulares*; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a

irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima - *Fora da caridade não há salvação* consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma - *Fora da Igreja não há salvação*, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* equivaleria ao *Fora da Igreja não há salvação* e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as idéias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

## **INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**

### **Fora da caridade não há salvação**

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as conseqüências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. *Paulo*, o apóstolo. (Paris, 1860.). 253 (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XV, Fora da caridade não há salvação).

Após a breve argumentação abalizada em diversas fontes científicas do tópico e o fundamento da codificação espírita, entende-se que faltou ao autor do texto a pesquisa mais acurada para não entrar em argumentação vazia e levar os seus leitores ao erro. Vamos adiante, no próximo ponto.

### **3. Quem colhe os frutos dos próprios erros?**

Entraremos agora no quesito de justiça da reencarnação, onde iremos argumentar que quem sofre as consequências de seus próprios atos, sejam eles em acordo com a providência ou não, são justamente quem os pratica, não cabendo a uma terceira pessoa a imputação da responsabilidade de seus próprios atos. Vejamos os argumentos do autor:

Se o pecado ou falta cometida na vida passada envolveu alma e corpo, não é justo que o corpo atual pague pelo corpo da última reencarnação. O ser humano não é dualista, mas um ser único, o homem sem seu corpo não é ser humano.

Interessante o argumento do Sr. Paulo Cristiano da Silva, pois ele coloca como a dualidade pertencente ao campo de quem possuiu um corpo na existência anterior e outro novamente formado na existência presente, principalmente no quesito de resgate das faltas, alegando ele que o ser humano não é um ser dual, como se possuísse dois corpos, mesmo que distintos, e em encarnações também diferentes. Completamente desinformado e logo de início ele já se vê em contradição, pois afirma a dualidade entre corpo e alma de cada ser, mas se contradiz, ou não entende o conceito de dualidade e causa um completo desconforto em sua argumentação ao afirmar que a dualidade está em se afirmar que são em encarnações diferentes, sendo uma passada e outra sendo presente que irá incumbir ao espírito pecador o resgate da falta, alegando que é injusta. O que entendemos como injusta é justamente o ser humano, finito em suas faltas, vir a pagar em um sofrimento eterno por uma falta finita, além de contrapor a lógica e o bom senso. Por fim, além de argumentar este sofisma de dualidade, o autor do texto refere-se que o homem sem corpo não é ser humano, mas em sua análise ele colocou em questão encarnações de um mesmo espírito em tempos diferentes, sendo eles no cometimento de faltas e no resgate dessas mesmas faltas em uma encarnação futura. Completamente desconexo o argumento do Sr. Paulo Cristiano da Silva que por si só já cai por terra.

### **4. Qual a finalidade do sofrimento de Jesus?**

Entraremos agora em terreno fecundo ao fundamentalista em afirmar que o sofrimento de Jesus tem a causa estipulada em nossas transgressões. Iremos verificar o argumento do autor e responder a proposta deste tópico. Vejamos:

E se pensarmos em Jesus Cristo que segundo AK, foi o maior espírito de luz que já veio a esta terra, o que teria feito Jesus para levar uma vida daquela? Morreu como um assassino, pobre, abandonado até mesmo por seus próprios discípulos. Estaria ele pagando algum carma? Se a resposta for sim, então porque teria que paga-lo já que era perfeito, espírito de luz? Espíritos de luz já escaparão da cadeia das reencarnações!

Interessante às conclusões que o autor chega a suas análises. Jesus foi o espírito mais evoluído a encarnar na Terra. Disso já sabemos. Agora, vejamos a codificação para abalizarmos a nossa contra argumentação.

### **Segunda ordem – Bons Espíritos**

**107 Características gerais** – Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poder para fazer o bem estão em conformidade com o grau que alcançaram. Uns têm a ciência; outros, a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, de acordo com sua categoria, os traços da existência corporal, tanto na forma da linguagem quanto nos costumes, entre os quais se identificam algumas de suas manias. Não fosse por isso, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons; são felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é uma fonte de felicidade indescritível que não é alterada pela inveja, pelo remorso, nem por nenhuma das más paixões que fazem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Mas todos ainda têm que passar por provas até que atinjam a perfeição absoluta.

Como Espíritos, sugerem bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem a vida daqueles que se tornam dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre os que não têm por que passar por ela.

Quando encarnados são bons e benevolentes com os seus semelhantes. Não são movidos pelo orgulho, egoísmo, nem ambição. Não sentem ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças populares pelos nomes de gênios bons, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstições e ignorância, foram tidos como divindades benfazejas.

Pode-se dividi-los em quatro grupos principais:

**108 Quinta classe. Espíritos Benevolentes** – Sua qualidade dominante é a bondade; satisfazem-se em prestar serviços aos homens e em protegê-los, mas seu saber é limitado. Seu progresso é maior no sentido moral do que no intelectual.

**109 Quarta classe. Espíritos Prudentes ou Sábios** – O que os distingue especialmente é a abrangência de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais

aptidão. Mas consideram a ciência somente do ponto de vista da utilidade, livre das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

**110 Terceira classe. Espíritos de Sabedoria** – As qualidades morais do mais elevado grau formam seu caráter. Sem ter conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes dá um julgamento preciso e sábio sobre os homens e as coisas.

**111 Segunda classe. Espíritos Superiores** – Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem revela sempre a benevolência e é constantemente digna, elevada, muitas vezes sublime. Sua superioridade os torna mais aptos que os outros para nos dar noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se benevolentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e que têm a alma já liberta dos laços terrestres para compreendê-la. Mas se afastam dos que são movidos apenas pela curiosidade ou dos que a influência da matéria desvia da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para realizar uma missão de progresso e nos oferecem, então, o modelo de perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.

#### **Primeira ordem – Espíritos puros**

**112 Características gerais** – Não sofrem nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

**113 Primeira classe. Classe Única** – Passaram por todos os graus da escala e se libertaram de todas as impurezas da matéria. Tendo atingido o mais elevado grau de perfeição de que é capaz a criatura, não têm mais que sofrer provas nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis, a vida é para eles eterna e a desfrutam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável por não estarem sujeitos nem às necessidades, nem às variações e transformações da vida material. Mas essa felicidade não é de uma ociosidade monótona passada numa contemplação perpétua. São os mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudando-os a se aperfeiçoarem e lhes designam missões. Assistir os homens em suas aflições, incitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema é para eles uma agradabilíssima ocupação. São chamados, às vezes, de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Mundo espírita ou dos espíritos, Capítulo 1, dos Espíritos)

Jesus se encaixa como na questão 112 na escala de espíritos puros, ao qual sabemos que foi o mais evoluído que encarnou na Terra, sendo assim, o seu sofrimento não tem nenhuma relação a uma prova ou expiação do passado. Seu caráter era missionário de trazer a humanidade à mensagem do Evangelho e preparar a humanidade para o início da era de regeneração. Seu suplício no Gólgota foi simplesmente à

exemplificação do perdão dos seus algozes, sendo a única forma de instituir a paz sobre a Terra. Dessa maneira, não seria para expiação de nossas faltas e muito menos para aplacar a justiça divina em nos arremeter a quitação do pecado original cometido por Adão.

Entendemos, diferentemente do que o autor pensava que Jesus foi o espírito mais adiantado a estar na Terra e também seu grau evolutivo permite a encarnação em caráter missionário, responsável por adiantar a humanidade com seus ensinamentos, consoante ao item 111 já citado em sua abrangência.

#### **IV – O Consolo da Reencarnação e o Dilema das Penas Eternas**

Neste quarto tópico, entraremos numa linha de argumentação que permitirá refutar as penas eternas defendidas pelo autor e comprovar a justiça da reencarnação. Vejamos os argumentos do autor:

A teoria da reencarnação não deixa espaço para o perdão e a misericórdia de Deus, é inflexível, além de fazer de Deus um ser contemplativo e inerte. Tudo se baseia imparcialmente na lei do carma, a lei mecânica da causa e efeito, pois tudo aquilo que a pessoa praticar de ruim nesta vida terá forçosamente adquirindo uma dívida para a próxima vida.

Primeiro ponto que devemos corrigir o Sr. Paulo Cristiano da Silva, em sua tentativa inglória de levar seus leitores ao erro, é o de que a reencarnação passa a ser um fenômeno que não permite o perdão ao infrator e nem mesmo a misericórdia, trazendo uma ideia deturpada do Eterno em contemplação e inércia. Como bem ilustramos o fato do resgate do pecado cometido por Elias como João Batista no item dois do capítulo dois deste mesmo texto, entende-se que esclarecemos a necessidade do resgate e uma vez resgatado, certamente que não será necessário um novo resgate. É a lei de causa e efeito, muito mais justa de que uma pena eterna mediante faltas finitas ao qual o homem está sujeito a cometer. Passemos adiante na próxima argumentação do autor dentro deste tópico.

A reencarnação não funciona. A única coisa que ela oferece é um alívio filosófico de poder ter mais uma chance de se arrumar no futuro. Sugere ainda que o sofrimento é algo merecido, pois quem esta sofrendo é porque mereceu sofrer. E se você quiser escapar destas reencarnações terá que passar por muitas, muitas vidas ainda... Em outras palavras, a reencarnação só faz adiar o problema, jogando-o sempre para o futuro. Ao contrario da lei mecanicista da reencarnação, Jesus oferece a solução para o problema do pecado aqui e agora. O perdão de Deus é para esta vida e não para o futuro após a morte. A purificação que tantas espíritas almeja é dado nesta vida pelo sangue de Jesus.

A reencarnação não funciona ao fundamentalismo que retira a ideia completamente equivocada de que o perdão das faltas inibe o resgate dos erros cometidos. É completamente ilógico alguém pecar, reconhecer os próprios erros e não ter o comprometimento de resgatar suas faltas. O que dizer de pessoas que praticam seus crimes, sendo que muitas delas até se arrependem de seus atos. Não teriam, mesmo que com remorso, pagarem a pena do delito cometido? É assim que funciona a lei natural da

reencarnação, existe a falta cometida, o remorso, o arrependimento e o resgate através de penas compatíveis com os erros cometidos. Essa é a justiça da reencarnação.

Já questões levantadas sobre o sangue de Jesus, levando-nos ao fato da transubstanciação, crendo no sacrifício vicário como justificava e solução de encerramento da violência humana que perdura há quase 2000 anos, entendemos que a reencarnação é a resposta lógica e recomendamos o texto "[Reencarnação ou Penas Eternas?](#)" para complementar nossa argumentação em torno da defesa da justiça da reencarnação.

## 1. A Parábola do rico e Lázaro, o que significa?

Partiremos agora para o último tópico deste nosso texto, a fim de averiguar uma citação vazia do autor em citar a parábola do rico e Lázaro, em combate a reencarnação. Vejamos:

“Ao seu portão fora deitado um mendigo, chamado Lázaro, todo coberto de úlceras; o qual desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as úlceras. Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado. No inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e envia-me Lázaro, para que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que em tua vida recebeste os teus bens, e Lázaro de igual modo os males; agora, porém, ele aqui é consolado, e tu atormentado. E além disso, entre nós e vós está posto um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para nós. Disse ele então: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham eles também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Respondeu ele: Não! pai Abraão; mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, não de se arrepender. Abraão, porém, lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que ressuscite (não reencarne) alguém dentre os mortos.” (Evangelho de Lucas, 16:21-31)

Citar, por si só esta passagem, nada reprova a reencarnação, antes, porém, a confirma, pois a passagem de Lc 16:27-31 se trata de comunicabilidade entre os planos físico e espiritual. Bom, aqui entendemos que a citação do texto tem a ver que é impossível a comunicação entre os mortos e vivos. Como poderia então Moisés proibir algo que não ocorre? Choca-se novamente a segunda pergunta com a terceira. No entanto, a parábola do rico e Lázaro na visão espírita aponta a sobrevivência da alma após a morte, o mérito e demérito que nos levam ao umbral ou ao encontro com entes queridos após a morte, assim como Jesus disse que "a cada um segundo as suas obras". Recomendamos o estudo do texto de nosso confrade Paulo Neto "[A parábola do rico e Lázaro na visão espírita](#)". Parafraçando Paulo Neto:

*"Interessante é que Abraão não disse que não havia possibilidade de Lázaro avisar aos irmãos do rico, o que comprovaria não existir a comunicação entre os vivos e os mortos. Em sua resposta, ele, na verdade, afirma da inutilidade de tal coisa, pois como os irmãos do rico não ouviam os vivos, no*

*caso, Moisés e os profetas, muito menos ouviriam os mortos. Fato incontestável é que isso, inclusive, acontece até nos dias de hoje, onde se vê uma grande maioria de crentes que não acredita no que os espíritos dizem, provando, portanto, que Abraão estava coberto de razão”.*

### **\* Considerações Finais**

Chegamos, porquanto caro leitor, ao fim de nossa argumentação para trazer-lhe “o outro lado da moeda” não apresentado pelo autor do texto, Sr. Paulo Cristiano da Silva que tentou, de forma hercúlea, colocar a reencarnação em conflito, mas que num exame mais apurado, mesmo que muito extenso, não é bem a reencarnação que está em conflito, mas o fundamentalismo que alude à única vida encarnada as penas eternas como solução ao infrator que em sua finitude, pratica seus atos em desacordo com a providência divina, levando-lhe a uma prisão eterna num inferno que não existe, sem ao menos uma chance de expiar as suas falas, entrar em fase de prova de suas virtudes e caminhar para um mundo regenerador. Parafrazeando a frase sobre o túmulo de Kardec, “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei” e mediante tantos fatos incontestes, deixamos a palavra final a Kardec “*Se não se convencem pelos fatos menos o fariam pelo raciocínio*”.

Thiago Toscano Ferrari  
Agosto / 2013

---

#### **Referências bibliográficas:**

- Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
TORÁ, *A Lei de Moisés*, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.  
VULGATA LATINA, *Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*, CBCEW, Londres, 2006.  
Fadiman J. e Frager R.: *Teorias da Personalidade*, Editora Harbra, São Paulo, 1986.  
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
ROCHAS, A. *As Vidas Sucessivas*, Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2002.  
STEMMAN, R. *Reencarnação*, São Paulo: Butterfly, 2005  
WAMBACH, H. *Recordando Vidas Passadas*, São Paulo: Pensamento, 1999.  
XAVIER, F. C. *Entre a Terra e o Céu*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.  
XAVIER, F. C. *Evolução em dois mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.  
XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.  
*Revista Planeta*, ed. 402, Cajamar (SP): Editora Três, mar/2006.  
*Revista Internacional do Espiritismo*, fevereiro 2001.  
*Revista Espiritismo & Ciência*, nºs. 2, 3, 4 e 6.  
*Revista Espírita Além da Vida*, nº 2.  
*Revista Cristã de Espiritismo*, São Paulo: Escala: jul/ago 2000; jun/jul 2002 e fev/mar 2003.  
[1] Traduções do hebraico para português feitas por um judeu ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)  
[2] [www.cvdee.org.br/est\\_nlttexto.asp?id=01&cap=12&showc=S](http://www.cvdee.org.br/est_nlttexto.asp?id=01&cap=12&showc=S)

- [3] [www.sociedadigital.com.br/artigo.php?artigo=150&item=41](http://www.sociedadigital.com.br/artigo.php?artigo=150&item=41)
- [4] [www.clinicafgo.com.br/a\\_concepcao.html](http://www.clinicafgo.com.br/a_concepcao.html)